



Universidade Federal do Amapá

Campus Marco Zero do Equador

Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais

LEILIANE SANTOS FERREIRA

**A INCLUSÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: REVELAÇÃO DE
UMA HISTÓRIA DE VIDA.**

Macapá – AP

2015

LEILIANE SANTOS FERREIRA

**A INCLUSÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: REVELAÇÃO DE
UMA HISTÓRIA DE VIDA.**

Monografia apresentada ao curso de Artes Visuais da
Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, como
requisito obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Artes Visuais.

Orientador: Rostan Martins

Co-orientador: Adriana Sousa

Macapá – AP

2015

LEILIANE SANTOS FERREIRA

**A INCLUSÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO -
APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA: REVELAÇÃO DE
UMA HISTÓRIA DE VIDA**

Monografia apresentada ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura Plena em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Aldaberto Pereira

Membro

Prof. Mr. José de Vasconcelos

Membro

Prof. Dr. Benedito Rostan Costa Martins

(Orientador)

Dedico a Deus por todos os dias presentear-me com dádivas e graças e a minha família pela dedicação, apoio e compreensão ao longo do curso.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos, expressando à Deus minha eterna gratidão, por destinar a mim força e persistência diante dos desafios da vida e oportunidade de ingressar na Graduação e conseguir percorrer todo este processo dentro da Universidade Federal do Amapá – AP.

Agradeço meus pais, avós, irmãos e amigos que sempre acreditaram em mim, mesmo conhecendo minhas limitações, possibilitaram a realização desse sonho. Essa família, que me deu todo o suporte durante a minha vida, amando-me e ensinando preciosidades, como: respeito, perseverança e dignidade. Em especial, reforço o agradecimento aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões, desde as mais fáceis àquelas mais difíceis.

Ao meu esposo que abriu mão da minha companhia inúmeras vezes, sendo sempre paciente e companheiro diante da ausência.

Meus sogros pelo apoio e colaboração ao longo da minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de turma pela amizade que fora construída no decorrer de todo o período de duração do curso e se perpetuara por toda vida.

A todos os professores pela paciência, aprendizagem, dedicação, companheirismo e incentivo. Professores do Ensino Fundamental Menor e Maior, Ensino Médio e Ensino Superior sem estes não teria alcançado esta formação. Agradeço ao professor-orientador Rostan Martins pela amizade, sendo amigo e educador aplicado.

A minha irmã Adriana Sousa, minha co-orientadora, pela atenção, condução, incentivo e acreditar que eu realizaria o sonho de fazer este curso.

E às pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desse sonho. Muito obrigada! É o mínimo que posso dizer a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão do Curso de Artes Visuais e cumprir mais uma etapa da minha vida.

A todos, muito obrigada!

“A inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e polemizado, pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais. No entanto, inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação- e assim diz a Constituição!”

MANTOAN

RESUMO

O presente trabalho tem como temática: **A Inclusão e o Desenvolvimento do Processo Ensino – Aprendizagem do aluno com Deficiência Auditiva: revelação de uma história de vida**, cujo objetivo é expressar minha história de vida como deficiente em uma sociedade que vive o processo inclusivo, o trabalho será uma ferramenta pedagógica que os professores poderão utilizar em sala de aula, pois lhes propicia técnicas metodológicas na aprendizagem dos alunos que enfrentam o dilema da aceitação, visto que através das experiências repassadas os leitores terão uma fonte de sugestão e aos interessados em fazer uma educação significativa e de qualidade, mostrar que a responsabilidade pela educação inclusiva não é somente do professor, mas de todo o sistema educativo, das políticas públicas e da sociedade. Para referendar esta monografia utilizou-se uma pesquisa de campo, com um memorial de caráter exploratório e qualitativo, bem como uma pesquisa bibliográfica, tendo como instrumento de coletas de dados a elaboração de uma entrevista com seis membros da família, com um professor que atuou junto a mim na Educação Infantil, tendo como objetivo analisar o uso de técnicas /metodologia no processo ensino-aprendizagem essencial na minha alfabetização, dessa forma verificar as técnicas utilizadas no decorrer da atuação desses docentes na construção do ensino que recebi, além de informar aos leitores a potencialidade do meu desenvolvimento, A Arte. Logo após a etapa de coleta de dados procedeu a etapa de análise e agrupamento dos resultados obtidos culminando com a elaboração do relatório monográfico. Diante de todas as informações contidas nesse estudo pode-se concluir que minha formação foi possível, por ter ao meu lado no decorrer dessa trajetória pessoas que aceitaram minha deficiência e reconheceram meu potencial, fortalecendo assim interação e construção do conhecimento da realidade vivenciada pela constituição do sujeito-deficiente como indivíduo produtor de sua história.

Palavras-chave: Deficiência Auditiva. Inclusão. Ensino-Aprendizagem.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour thème: l'inclusion et le processus de développement de l'éducation - Apprendizagemdo étudiants ayant une perte auditive: la révélation d'une histoire de vie, qui vise à exprimer mon histoire de vie comme pauvres dans une société qui vit le processus inclusif, le travail est un outil pédagogique que les enseignants peuvent utiliser en classe parce qu'ils fournissent techniques méthodologiques sur l'apprentissage des élèves face au dilemme de l'acceptation, comme traversé les expériences lecteurs auront une source de suggestion EAO intéressé à faire une éducation digne de et la qualité, montrant que la responsabilité de l'éducation inclusive ne est pas seulement l'enseignant, mais l'ensemble du système éducatif, les politiques publiques et de la société. Pour appuyer cette monographie nous avons utilisé une recherche sur le terrain avec un mémorial exploratoire et qualitative et une recherche de la littérature, et comme un outil pour la collecte de données pour tirer une entrevue avec six membres de la famille, avec un professeur qui a égalé avec moi à l'école maternelle, et d'analyser l'utilisation de techniques / méthodes dans le processus d'enseignement-apprentissage dans mon essence alphabétisation ainsi vérifier les techniques utilisées lors de l'exécution de ces enseignants dans la construction de l'éducation que je ai reçue, et informe les lecteurs potentiels de mon développement, ART. Peu de temps après la collecte des données de phase procédé étape d'analyse et le regroupement des résultats aboutissant à la rédaction du rapport monographique. En raison de toutes les données de l'étude peuvent être conclus que ma formation a été possible d'avoir à mes côtés lors de cette trajectoire de personnes qui ont accepté mon handicap et reconnus mon potentiel, renforçant ainsi l'interaction et de la construction de la réalité de la connaissance vécue par la constitution de objet déficientes tant que producteur individuel de son histoire.

Mots-clés: Audience. Inclusion. Enseignement et apprentissage.

LISTA DE OBRAS

Obra 1	Admiração , Tinta á óleo, 50x90, Agosto, 2014.....	66
Obra 2	O Romance na Amazônia . Óleo sobre tela, 50x70, outubro, 2014.....	67
Obra 3	A influência . Lápis Aquarelável, outubro, 2014.....	67
Obra 4	Guaracídio , Lápis Aquarelável, outubro, 2014.....	68
Obra 5	A Arte que domina. Marilyn Moore Lápis Aquarelável , outubro, 2014.....	69
Obra 6	Baluartes de Fortaleza de Macapá , Lápis aquarelável, outubro, 2014.....	69
Obra 7	A vida dura de um pescador . Lápis Aquarelável, outubro, 2014	70
Obra 8	O lar que o mar levou . Lápis Aquarelável, novembro, 2014.....	70
Obra 9	Prisão de ideias . Lápis Aquarelável, Novembro, 2014.....	71
Obra 10	A terapia da Arte . Lápis Aquarelável, Outubro, 2014.....	72
Obra 11	Sem Fala . Lápis Aquarelável, Março, 2015.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O CENÁRIO HISTÓRICO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA	13
2. UMA BREVE ABORDAGEM DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO.....	20
2.1 WALLON: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO.....	20
2.2 PIAGET: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A SALA DE AULA.	22
2.3 VYGOTSKY: DESENVOLVIMENTO HUMANO E O PAPEL DA ESCOLA.....	25
2.4 MONTESSORI: DESENVOLVIMENTO HUMANO E O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO.....	27
2.5 EMÍLIA FERREIRA: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A ALFABETIZAÇÃO.....	28
3. ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O PROFESSOR: ARTE UM CAMINHO PARA APRENDIZAGEM, REVELAÇÃO DE UMA HISTÓRIA.....	32
3.1 A LIBRAS E A LEITURA OROFACIAL: SUPORTES INDISPENSÁVEIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO	35
4. REVELAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO	39
4.1 RELATOS DOS ETERNOS COMPANHEIROS	50
4.2 A INFLUÊNCIA DA ARTE EM MINHA VIDA	63
5. MINHAS OBRAS: A TERAPIA DA ALMA	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

Promover o acesso e a permanência das pessoas com necessidades especiais nos ambientes coletivos tem sido um dos maiores desafios a todos que militam por uma educação inclusiva, inserido nessa fala encontra-se a minha história - deficiente auditiva que mesmo com limitações, lutando contra o preconceito da sociedade, concluir o Ensino Fundamental, Ensino Médio e passei no vestibular e venço mais um desafio ao chegar ao final desse curso motivada por todos que acreditaram em minha capacidade. E objetivando inferir a importância da inclusão, nasceu o desejo de relatar minha história, desenvolvendo a temática: A Inclusão e o Desenvolvimento do Processo Ensino - Aprendizagem do aluno com Deficiência Auditiva: revelação de uma história de vida, ressaltando minha realidade na rede municipal de ensino da escola Maria Benedita Mota, na Vila de Perimirim, Município de Augusto Corrêa-PA. Este trabalho tem como objetivo apresentar aos leitores minha História de vida e as técnicas viáveis a aprendizagem do aluno com deficiência auditiva, e expressar que a responsabilidade da educação inclusiva não é somente do professor, mas de todo o sistema educativo, das políticas públicas e da sociedade.

O trabalho busca informar as barreiras encontradas pelos deficientes auditivos e suas limitações, além de fornecer subsídios aos professores que encontram dificuldades em trabalhar o processo ensino – aprendizagem com alunos deficientes auditivos. Discorro que os alunos não ouvinte são capazes de aprender apesar das barreiras que eles apresentam, mas faz-se necessário criar situações que favoreçam o seu desenvolvimento, que promovam a estimulação dos mecanismos para seu avanço. A escolha da temática se deu em virtude a trajetória de vida que vive e vivenciei até essa etapa de formação, aonde pude constatar que é grande o desafio dos alunos com deficiência para real conquista do processo inclusivo, por isso, estudar e investigar sobre este tema é importante para mostrar que o movimento pela inclusão está atrelado à construção de uma sociedade democrática, na qual todos devem conquistar sua cidadania e a diversidade, respeitada aceitando e reconhecendo as diferenças.

De acordo com Mendes (2002), a discussão sobre o movimento de inclusão vem ocorrendo no Brasil há mais de uma década, mas a grande maioria do alunado com necessidades educacionais especiais ainda está fora da escola, poucos estão inseridos em escolas e classes especiais ou estão alocados em salas de aula do ensino regular sem qualquer preparo do professor para recebê-los. Com esta pesquisa reafirmo com minha experiência a importância do processo inclusivo para todos que são deficientes.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo constitui-se a introdução, trazendo informações, sequência e toda a estrutura do presente trabalho. O segundo aborda o contexto histórico dos deficientes na sociedade mundial e Brasileira ao longo da história. Em seguida, o terceiro aborda Educação Especial e o processo Inclusivo, depois destaca a concepção dos educadores agrupados ao desenvolvimento de toda história da minha vida nos estabelecimentos de ensino. No quarto capítulo, expõe minha experiência como artista, feita com todos que participaram direta e indiretamente da minha formação formal e informal como sujeito dessa sociedade que nos apresenta desafios inclusivos constantes. No quinto capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos citando o público-alvo, os instrumentos utilizados; o processo de coleta e análise dos dados. O sexto capítulo discorre sobre os dados obtidos no decorrer da pesquisa realizada, englobando os professores que atuaram junto a mim, familiares e amigos além de apresentar aos leitores algumas das minhas principais obras. Por fim, as considerações finais acerca da temática abordada.

Assim, este trabalho apresenta-se como relevante, pois, por meio da concretização do mesmo espera-se que possa provocar outras inquietações, novos estudos e (re) construção de conhecimentos sobre o tema de forma coerente, dinâmica e flexível, visando à promoção de um ambiente favorável à qualidade da aprendizagem aos alunos com tal deficiência como sujeitos críticos e ativos no meio social da qual fazem parte.

O trabalho também busca expor a importância da arte em minha vida fonte de bênção para todo meu desenvolvimento; desejo mostrar ainda minhas principais obras, pois o talento artístico me fez vencer as barreiras da exclusão e aceitar a deficiência auditiva, propiciando ainda caminhos para o reconhecimento.

Dessa forma, quero mostrar com minha experiência de vida, o potencial a ser descoberto por todos que enfrentam o preconceito, a maior doença humana na contemporaneidade, matamos sonhos pela aparência, mas a arte ressuscita e dar a oportunidade para acreditar que somos normais, apesar da limitação. O curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP me levou de forma maravilhosa a um aprendizado mágico e fascinante, me fazendo sempre afirmar: posso ir mais longe e irei. Os professores me ensinaram que a arte é a criação, a expressão, é o que cada artista sente no íntimo, na sensibilidade colocando suas emoções na obra. Quero mostrar aos deficientes que não existem barreiras contra deficiência. Temos habilidades para conseguir; nosso maior desafio é própria aceitação, isso sim, é terapia eficaz.

1. O CENÁRIO HISTÓRICO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A história nos revela que desde primórdios, vivemos em um mundo excludente e desigual. O poder político, econômico, cultural e religioso sempre determinou quem poderia e não poderia participar da sociedade por eles constituída. Os com aparência forte, sem defeitos físicos ou psicológicos, de “boa família” (corte), do clero eram os escolhidos como dignos de conviver em meio a sociedade tida como civilizada. Nesse cenário de distinção, os que fogem a este padrão, são excluídos sem compaixão, ocasionando nas civilizações posteriores um cenário de discriminação e revolta: racial, social, econômica, religiosa e comportamental. No entanto a divisão de classe, e a desigualdade que levava muitos a morte, despertou no homem o desejo pela conquista de espaço, pois ele como indivíduo pertencente a sociedade que o excluía, merecia espaço, por isso, grupos sociais vão as ruas e lutam pelo direito de igualdade.

Através das lutas nasce à visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Frente estes movimentos pais e pessoas deficientes também buscam consolidar seus direitos, e entre estes as pessoas com surdez lutam por um fim a anos de sofrimento para poderem chegar a uma posição de independência e respeito quanto a sua deficiência. Até conquistar essa independência tiveram muitas batalhas a enfrentar, que analisando na História dos surdos relata que eram tratados na Grécia, como seres sem raciocínio, pois somente quem possuía o “poder” da linguagem era possuidor de razão e alma. No Brasil, soube que a cultura indígena ainda hoje vê o deficiente como possuidor de um mal, por isso, muitos morreram e morrem anualmente.

Muitos surdos eram assassinados pelo simples fato de existir, eram seres que poderiam contaminar o restante da humanidade, assim eram vistos pela sociedade.

Matam-se cães quando estão com raiva; exterminam-se touros bravios; cortam-se as cabeças das ovelhas enfermas para que as demais não sejam contaminadas; matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos e monstruosos afogamo-los, não devido ao ódio, mas à razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis (SENECA apud WIKIPEDIA, 2008).

Segundo Post (1988), afirma, que, em Roma valorizava a perfeição humana; o filósofo Sêneca defendeu o infanticídio, considerando que os fetos e os recém-nascidos deficientes como monstruosos que não mereciam existir, afirmando isso uma razão e não com ódio; isso é um grande preconceito que a sociedade agia dessa forma contra a essência da vida humana sem ter direito de viver. Argumentava o infanticídio como uma solução humana natural para bebês deficientes, que, segundo ele, como uma razão, a fim de afastar dos saudáveis.

Na antiguidade acreditava que as pessoas “deficientes”, termo utilizado na época, não podiam ser educadas, pois eram consideradas como aberração da natureza, portanto foram vários os períodos em que estas pessoas foram rotuladas de incapazes, não podendo participar de qualquer tipo de vida “normal” a que regularmente passam as outras pessoas da comunidade.

Na Idade Média, a sociedade era muito voltada à Igreja e as ideais religiosas, as pessoas olhavam o deficiente como alguém que merecia compaixão, deixando-os viver; porém os surdos eram colocados em instituições para serem afastados da sociedade. Apenas no século XVI é que os ouvintes começaram a se interessar pela educação dos surdos. No período do Humanismo Renascentista, novas descobertas eram alcançadas através do estudo do corpo, dando início às pesquisas sobre o desenvolvimento da audição.

No livro “A Educação dos surdos”, Giuseppe Rinaldi (1997) conta que no século XVI, período considerado como a modernidade, surge os primeiros educadores de surdos como o monge Beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1520-1548) foi um importante educador que deu início a primeira educação dos surdos. Segundo a história, ele educou os filhos dos imperadores da Espanha que eram deficientes auditivos além de fundador de uma escola de professores de surdos que utilizava a datilologia – representação manual das letras do alfabeto, a escrita e a oralização como metodologias de ensino.

Em 1780, surgiu na França o Método Gestual, do Abade L’epée que misturava o francês escrito com a língua de sinais, ou seja, era o francês sinalizado. O método do Abade fez muito sucesso, então o governo da França resolveu apoiar o Abade criando o Instituto de Surdos-Mudos de Paris, a primeira escola pública para surdos no mundo.

No Século XXI, o contexto da educação especial no Brasil, a sua trajetória teve início em 1854, com a criação do Instituto dos Meninos Cegos fundado por Dom Pedro na cidade do Rio de Janeiro voltado para a educação Literária e o Ensino profissionalizante, atual Benjamin Constante – IBC, criado em 1854 no Rio de Janeiro, editou em braile a primeira revista brasileira para cegos, em 1857 foi fundado o Instituto dos Surdos - Mudos, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, do Rio de Janeiro.

No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi – 1926; instituto especializado no atendimento às pessoas com deficiência mental, em 1926 é criado a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE e em 1945 é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff. Atendimento ao deficiente auditivo pelo Instituto Santa Teresinha, foi fundado por iniciativa do bispo Dom Francisco de Campos Barreto em 1929, na cidade de Campinas São Paulo. Instituto educacional São Paulo – IESP fundada em 18 de Outubro de 1954 é uma instituição especializada no ensino de crianças deficientes auditivas, a primeira presidente foi Renata Crespi da Silva em 1965, formou a sua primeira turma de curso ginásial em 12 de Junho de 1969, o instituto foi doada a fundação São Paulo, a partir daí, além de crianças com deficiência auditiva em regime escolar, passou a atender, em regime de clínica, crianças e adultos com distúrbios de comunicação.

Em 1966, o atendimento às pessoas com deficiência passa ser fundamentada nas disposições de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024/61 que aponta os direitos dos excepcionais, em 1973, é criado no MEC o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, que aponta a égide integracionista; 1988 a Constituição Federal aponta seus objetivos fundamentais, promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminações; o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8.069/90 responsabiliza os pais ou responsáveis a realizarem a matrículas de seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Em 1994, é publicado a Política Nacional de Educação Especial orientando a integração instrucional e incondicional, acesso as classes comuns de ensino; inclusive a Declaração Universal de Direitos Humanos o Atendimento Educacional Especializado (AEE) uma das inovações trazidas pela Política Nacional de Educação em (2008) é um serviço que elabora, identifica e organiza recursos que eliminem barreiras para plena participação do aluno com necessidades específicas (MEC/SEESP, 2008); todos esses citados e entre outros propõe uma educação inclusiva, sendo esta, um dos principais meios que prepara o individuo para o viver harmonicamente em sociedade. Tais documentos trouxeram significativos avanços, pois ofereceram alternativas para a solução do dilema relacionado à aplicação eficaz do princípio da igualdade, reafirmando o direito de todos à igualdade, dando especial ênfase à proibição de discriminação em virtude de raça, sexo, religião e deficiência como já mencionado.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL E A INCLUSÃO

Incluir é modificar-se para ser capaz de conviver, compartilhar, compreender as pessoas por mais diferentes que sejam e reconhecer que somos dignos de igualdade, e temos o direito à diversidade, o que é necessário é o respeito a estas diferenças para uma maior integração e socialização da humanidade. Almeida (2002), nos trás o conceito real sobre a educação especial, amparado nos referenciais teóricos e práticos da educação. Par ele educação especial é uma pratica pedagógica de ensino que proporciona o desenvolvimento das potencialidades dos deficientes com necessidades especiais, que envolvem os diversos níveis e graus do sistema de ensino.

A educação inclusiva é uma luta que deve ser de todos, alunos especiais ou não, aprendemos com a troca de experiências, pois, não aprendemos sozinhos, precisamos sempre manifestar nossas inquietações do mundo que nos cerca com o outro. A educação inclusiva é para todos, só assim, poderá ser entendida, vista e sentida como uma educação de qualidade. Alguns princípios são relevantes para educação inclusiva como nos afirma Motoan:

Oferecer a ampliação do acesso destes alunos às classes regulares; entender que as crianças podem aprender juntas, embora tendo objetivos diferentes com o auxílio dos processos de integração; os professores devem planejar aulas criativas para as crianças com necessidades educativas; propiciar um atendimento integrado ao professor de classe comum do ensino regular (MOTOAN, 2010, p. 15).

Muitos confundem quando diz respeito ao conceito entre educação especial e educação inclusiva, justificando que uma supre a outra, a educação especial consiste em procedimentos, recursos com os quais o professor vai oferecer ou se utilizar para dar condições aos alunos com deficiências de aprender, portanto é uma modalidade de educação escolar. Já a educação inclusiva é uma política que visa garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos através da constituição de uma escola competente e atraente, que atenda às necessidades educacionais especial, minimizando o índice de evasão escolar. Por esta e outras razões é indispensável o atendimento de qualidade a todos os alunos.

Quando falamos em inclusão escolar, referimo-nos a construir todas as formas possíveis por meios das quais se busca, no decorrer do processo educacional escolar, minimizar o processo de exclusão, maximizando a participação do aluno dentro do processo educativo e produzindo uma educação consciente para todos, levando em consideração quaisquer que sejam as origens e barreiras para o processo de aprendizagem.(MÔNICA PEREIRA,2008)

Segundo Machado (2009), a maneira eficaz de atender é através da individualização do ensino devido as suas diferenças especiais. Então se faz necessário que cada profissional da

educação cumpra o seu papel e ocupe o seu lugar com mérito, cada dia de trabalho deve ser visto como uma conquista. O trabalho pedagógico deve ser integrado e articulado, porém o papel da divulgação sobre as ações do atendimento é exclusivamente do professor dessa modalidade, pois ele deve estar presente nas reuniões de pais e mestre da escola, divulgar e mostrar trabalhos realizados pelos alunos especiais, formular proposta de melhorias para a secretaria de educação, buscar parcerias e convênio para ofertar trabalhos inclusivos e integrados da comunidade com a escola.

O professor da Educação Especial deve estar presente em todas as decisões da escola, prevendo e mantendo o direito de seus alunos na participação de todas as atividades planejadas no calendário escolar. É nesta integração que se dará a importância, às necessidades de comunicação do aluno, danças, teatro, mímica, coral e desenhos. É nesta participação ativa que ocorrerá o processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. Objetivos da Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva Inclusiva segundo Ropoli é: Assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir o acesso de todos os alunos ao ensino. Almeida (2002), nos trás o conceito real sobre a educação especial, amparado nos referenciais teóricos da educação.

Educação especial é uma prática pedagógica de ensino que proporciona o desenvolvimento das potencialidades dos deficientes com necessidades especiais que envolvem os diversos níveis e graus do sistema de ensino. Baseado em referenciais teóricos e práticas compatíveis com as necessidades explícitas do seu alunado. (ALMEIDA, 2002, Revista Pedagógica).

A educação inclusiva é uma luta que deve ser de todos. Alunos especiais ou não, aprendem com a troca de experiências, pois, não aprendem sozinhos, precisamos sempre manifestar nossas inquietações do mundo que nos cerca. A educação inclusiva é para todos só assim, poderá ser entendida, vista e sentida como uma educação de qualidade. Citarei alguns princípios para educação inclusiva, considerado relevante para Almeida (2002):

- Oferecer a ampliação do acesso destes alunos às classes regulares;
- Entender que as crianças podem aprender juntas, embora tendo objetivos diferentes com o auxílio dos processos de integração;
- Os professores devem planejar aulas criativas para as crianças com necessidades educativas;
- Propiciar um atendimento integrado ao professor de classe comum do ensino regular.

Por esta e outras razões é indispensável o atendimento de qualidade a todos os alunos. Segundo Machado (1980), diz que a maneira eficaz de atender é através da individualização

do ensino devido as suas diferenças especiais. Então se faz necessário que cada profissional da educação cumpra o seu papel e ocupe o seu lugar com mérito, cada dia de trabalho deve ser visto como conquista. Ele tem que criar meios de conquistar os alunos surdos buscando os conhecimentos de como lidar a deficiência no espaço escolar, por exemplo, tem que conversar com os pais dos deficientes, a fim de saber quais as dificuldades encontradas pelos alunos.

[...] ponto de vista de vista focaliza o processo criativo e tem a ver com os diferentes estágios pelos quais passa a pessoa criativa para solucionar os problemas enfrentados, iniciando com a descoberta do problema, passando pela mobilização de recursos e coleta de informações acerca do mesmo; conectando as informações com o problema resolvido; elaborando, testando e avaliando as estratégias para resolvê-lo e, finalmente, comunicando as soluções encontradas para que os outros possam conhecê-la e utilizá-la. (Taylor e Hollanda,1976)

O professor que tem dificuldade de ensinar os deficientes auditivos; é necessário que procure aos professores experientes que trabalharam com esses educandos. Durante minha infância no ambiente escolar, no início, os professores não sabiam lidar a minha deficiência, tiveram dificuldade de me ensinarem, recorreram à minha mãe que antes foi minha primeira professora, que a mesma orientou que deu bom resultado para a minha aprendizagem. Então, é muito importante que o professor busque os conhecimentos através de experiências como pesquisa e entrevistas, preparando a sua conquista para formação educacional levando o aluno aprender com facilidade. É acreditar e compreender a potencialidade do aluno surdo, deixando que o aluno construa, individualmente, seus conhecimentos. Segundo Ostrower (2002), “o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando”.

O trabalho pedagógico deve ser integrado e articulado, porém o papel da divulgação sobre as ações de atendimento do AEE é exclusivamente do professor da Educação Especial, pois ele deve estar presente nas reuniões de pais e mestre da escola, divulgar e mostrar trabalhos realizados pelos alunos especiais, formular proposta de melhorias para a secretaria de educação, buscar parcerias e convênio para ofertar trabalhos inclusivos e integrados da comunidade com a escola.

O professor da Educação Especial deve estar presente em todas as decisões da escola, prevendo e mantendo o direito de seus alunos na participação de todas as atividades planejadas no calendário escolar.

Sabemos que educação começa na casa onde o indivíduo convive no meio familiar, aprendendo a socializar através de comunicação gestual e labial com seus indivíduos. Os pais são conhecedores da atuação da convivência em que a criança se relaciona com os objetos,

mantendo a sua curiosidade ao seu redor. Então a escola também é uma das primeiras oportunidades em que a criança tem de aprender e relacionar-se com outras crianças, de vivenciar a socialização, com isso, tem uma importante missão na construção de conhecimento, e na formação de cidadãos conscientes e atuantes.

A escola é um dos principais espaços de convivência social do ser humano, durante as primeiras fases de seu desenvolvimento. Ela tem o papel primordial no desenvolvimento da consciência de cidadania e de direitos, já que é na escola que a criança e adolescente começam a conviver num coletivo diversificado, fora do contexto familiar (BRASIL, 2004, p.9).

O movimento inclusivo deve ser conhecido e reconhecido por todos, a fim de construir um indivíduo autônomo e confiante dos seus direitos e deveres na sociedade da qual participa, vendo nela o local possível de convivência harmônica e prazerosa que propicie a todos a inclusão independentemente de sua raça, cultura, credo religioso, condição social, cor, deficiência ou qualquer outra diversidade.

2. UMA BREVE ABORDAGEM DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO.

2.1 WALLON: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO.

O homem é um ser surpreendente e inquietante, por isso, assim como cada Ciência tem seu objeto de estudo, surge assim a Psicologia objetivando compreender o desenvolvimento humano, buscando inferir as descobertas referentes o processo desenvolvimental desse ser que vive em constante transformação. Abordarei teóricos que tiveram como cerne de seus estudos, a gênese humana: Wallon(1970), Piaget(1975), Vygotsky(1991), Montessori(1965) e Emília Ferreiro(1997).

A gênese da inteligência para Wallon (1970) é genética e organicamente social, ou seja, "o ser humano é social, por isso, sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar". Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa completa. Henri Wallon reconstruiu o seu modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir do desenvolvimento psíquico da criança, assim, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento em geral. Ele realiza um estudo centrado na criança contextualizada, onde o ritmo no qual se sucedem as etapas do desenvolvimento é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas, provocando em cada etapa profundas mudanças nas anteriores. Nesse sentido, a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá linearmente como nos estudos Piagetiano, mas por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, crises que afetam a conduta da criança. Conflitos se instalam nesse processo e são de origem exógena quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura e endógenos e quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa.

Para abordar sua teoria Wallon (1970) cria cinco estágios de desenvolvimento: **Desenvolvimento como Construção Progressiva: Estágio do personalismo**, (03 até 06 anos) que apresenta a formação da personalidade; construção da consciência de si por meio das interações sociais; re-orienta o interesse da criança para as pessoas. **Estágio categorial**, (06 anos) que é consolidação da função simbólica e a diferenciação da personalidade trazendo importantes avanços no plano da inteligência. Progressos intelectuais dirigem o interesse da criança ao conhecimento do mundo exterior. **Estágio da adolescência**, crise pubertária que

rompe e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados pelas modificações corporais resultantes da ação hormonal. **Predominância Funcional e Alternância Funcional: (Desenvolvimento Pendular)** momentos afetivos (acúmulo de energia) sucedem outros cognitivos (dispêndio de energia) objetivos, cada nova fase inverte a orientação da atividade da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas. **Alternância Afetividade-Cognição**, não atuam como funções exteriores uma à outra, ao reaparecer como atividade predominante, incorporam as conquistas realizadas pela outra no estágio anterior (processo de integração e diferenciação).

Na sucessão desses estágios há uma alternância entre as formas de atividades e de interesses da criança, denominada de "alternância funcional", onde cada fase predominante (de dominância, afetividade, cognição), incorpora as conquistas realizadas pela outra fase, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. Wallon enfatiza o papel da emoção no desenvolvimento humano, pois, todo o contato que a criança estabelece com as pessoas que cuidam dela desde o nascimento, são feitos de emoções e não apenas cognições. Baseou suas ideias em quatro elementos básicos que estão no campo da comunicação: afetividade, emoções, movimento e formação do eu.

De acordo com Wallon (1970) e a **educação** precisa superar a dicotomia indivíduo-sociedade presente na maior parte dos sistemas de ensino. **Educação Tradicional:** objetiva a transmissão de herança dos antepassados, procura assegurar melhor adaptação à sociedade; prioriza a ação dos adultos sobre os jovens e perpetuação da ordem social, o **Movimento da Escola Nova:** busca romper a opressão do indivíduo pela sociedade, mas despreza as dimensões sociais da educação; preconiza o individualismo. **Condução do ensino pelo interesse da criança,** critica a visão de que a natureza da criança é capaz de todo o desenvolvimento e que a intervenção do adulto é prejudicial. **Valorização da atividade da criança em sua espontaneidade,** anula a necessidade do ensino sistematizado e da intervenção do professor. A solução do impasse da dicotomia sociedade-indivíduo não basta discussão metodológica, demanda reflexão política sobre o papel da escola na sociedade. **Educação segundo ele tem sempre um papel político.** Se os regimes políticos organizam a educação, esta deve se apropriar de seu papel político - projeto de sociedade que se quer.

Wallon(1970) optou por uma sociedade socialista, com democracia e justiça social. Ele afirma que a **Psicogênese da Pessoa Completa e Concreta** é instrumento para a reflexão pedagógica: prática pedagógica deve atender as necessidades afetivas, cognitivas e motoras da criança, promovendo o seu desenvolvimento em todos esses níveis o desenvolvimento

intelectual não é a meta máxima e exclusiva da educação. Os conteúdos de ensino, os progressos do pensamento se devem em grande parte ao domínio crescente do sistema semiótico e apropriação das diferenciações elaboradas pela cultura e cristalizada nos sistemas semióticos (linguagem), por isso tem haver a valorização da dimensão estética da realidade (não conteudista), a expressividade do sujeito ocupa lugar de destaque. Movimento de exteriorização do *eu* pode ser estimulado no campo da arte na escola, favorecendo a expressão de estados e vivências subjetivas.

Organização do Ambiente Escolar é importante para o desenvolvimento Infantil, o meio inclui a dimensão das relações humanas, a dos objetos físicos de conhecimento e de todas inseridos nos contextos das culturas específicas, mas há a necessidade de planejar o ambiente escolar com reflexão do espaço onde será realizada a atividade pedagógica; uso e organização do tempo; reflexões sobre oportunidades de interações sociais oferecidas, quanto maior a diversidade de grupos do qual participar, mais numerosos serão os parâmetros de relações sociais disponíveis para a criança enriquecer sua personalidade.

Wallon (1970) destacava na teoria de Piaget (1975) as contradições e dessemelhanças entre as suas teorias, pois considerava esse o melhor procedimento quando se busca o conhecimento. Por parte de Piaget (1975) existia uma constante disposição em buscar a continuidade e complementariedade de suas obras. Os dois se propunham a análise genética dos processos psíquicos, no entanto, *Wallon pretendia a gênese da pessoa e Piaget a gênese da inteligência.*

2.2 PIAGET: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A SALA DE AULA.

Para Piaget (1975), o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura que o indivíduo constrói e reconstrói, continuamente, no ambiente em que vive. Piaget(1975) organizou a Teoria Epistemologia Genética, em uma abordagem construtivista, sobre o crescimento e o amadurecimento de ser humano, descrevendo a importância dos estágios sensório motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.

Piaget (1975) fazia análises através da observação, pesquisando as fases do Desenvolvimento humano, preocupando com o desenvolvimento mental ou cognitivo de como os indivíduos conhecem o mundo exterior e o ambiente em que eles se relacionam. Piaget definiu a si mesmo como: “antigo-futuro filósofo que se transformou em psicólogo e investigador da gênese do conhecimento” . Sua **Epistemologia Genética**: estudou a passagem

dos estados inferiores do conhecimento aos estados mais complexos ou rigorosos, pois ele propõe retornar às fontes ou gêneses do conhecimento aos quais a epistemologia (Filosofia) só conhece os estados superiores.

A inteligência humana segundo o estudioso é sistema cognitivo aberto porque se alimenta pela ação e percepção do sujeito; fechado porque não é uma página em branco tem capacidade de organização. O desenvolvimento é o contato do sistema cognitivo com informações do meio e processo de reestruturação interna para equilíbrio. **Equilibração Progressiva** é a passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior que envolve a inteligência, a vida afetiva e as relações sociais. a adaptação é o equilíbrio das assimilações e acomodações desenvolvimento mental, com sua organização progressiva, é entendida como uma adaptação sempre mais precisa à realidade **Equilibração:** estabilidade, ajustamento, flexibilidade, mobilidade. Aspectos complementares do processo de equilibração: funções constantes e estruturas variáveis. Mecanismos Funcionais Constantes. Diante de uma manifestação de uma necessidade, algo fora da pessoa ou na pessoa se modifica, há a necessidade de um reajustamento da conduta em função da mudança uma **ação** (exterior ou interior) se organiza movimento, pensamento, sentimento.

A ação acaba quando há satisfação da necessidade e a organização mental é estabelecida a cada instante a ação é desequilibrada pelas transformações que aparecem no mundo (exterior e interior) e cada nova conduta vai funcionar para restabelecer o equilíbrio e para tornar esse mais estável que o do estágio anterior a essa perturbação. Forma Geral das Necessidades e Interesses: primeiro incorporar as coisas e às atividade própria do sujeito. Assimilar o mundo exterior às estruturas. Ex.: mamar no seio, depois mamar na mamadeira^{2º} Reajustar as estruturas já construídas em função das transformações ocorridas. Acomodaras estruturas já construídas aos objetos externos. Ex.: do uso da mamadeira para o uso da colher vida mental e orgânica: tende a assimilar progressivamente o ambiente por meio das estruturas ou órgãos psíquicos ampliando cada vez mais o raio de ação

A função da assimilação em todos os níveis de pensamento será a mesma: incorporar o universo a si próprio. A estrutura da assimilação vai variar desde as formas de incorporação sucessivas da percepção e do movimento até as operações superiores. Assimilando os objetos, a ação e o pensamento são obrigados a se acomodarem a esses objetos, ao reajuste. Estruturas variáveis a inteligência é afetada por fatores hereditários e psicológicos. Formas sucessivas de equilíbrio que marcam as diferenças de um nível de conduta para outro (do lactente à adolescência). Organizam a atividade mental sob um duplo aspecto: motor ou intelectual -

dimensão individual e afetiva - dimensão social, interindividual. **Estrutura Hereditária:** estruturas físicas, reações comportamentais automáticas. **Estrutura Psicológica:** nos primeiros dias de vida os reflexos são modelados pela experiência ambiental. **Esquema:** padrão de comportamento ou ação que se manifesta com ordem e coerência e que descreve um tipo regular de ação que a criança aplica aos vários objetos (exemplo: esquema de sucção).

Os esquemas mais evoluídos envolvem mais do que um reflexo (exemplo: chupar o dedo). Períodos do Desenvolvimento e Aparecimento das Estruturas Sucessivamente Construídas: **1º sensório-motora** - até os 2 anos. Antes da linguagem e dos pensamentos, reflexos, mecanismos hereditários e as nutrições os hábitos motores e percepções organizadas e sentimentos organizados. Inteligência prática, regulações afetivas elementares e as fixações exteriores da afetividade, **2º pré-operacional** - 2 até 7 anos. Inteligência intuitiva, sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto. Primeira infância; **3º operações concretas** - 7 a 12 anos. Começo da lógica dos sentimentos morais e sociais de cooperação; **4º operações formais** - acima de 12 anos. Operações intelectuais abstratas; formação da personalidade; inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos.

Para Piaget(1975) a **sala de aula** tem que favorecer a autonomia da criança, trabalho em grupo permite superar o egocentrismo, quando autêntico, não implica relações de subordinação, mas confronto de ideias para facilitar a reformulação das mesmas pelas crianças, as crianças devem ser o centro da organização das atividades pedagógicas. Elas não são folhas em branco, precisa conhecer suas ideias acerca do que o professor quer ensinar. Os conhecimentos são elaborados por aproximações sucessivas. O erro é importante nas aprendizagens. Avançar no conhecimento é tomar consciência deles e superá-los

Os conflitos cognitivos são o motor do desenvolvimento e das aprendizagens. Sujeitos podem então reformular os problemas e construir novas hipóteses. Existem diferentes caminhos para responder adequadamente a um problema. As estratégias de resolução variam de um sujeito para o outro. A educação deve levar em consideração as diferenças individuais e a diversidade de cada aluno

Diante do contexto do crescimento e do amadurecimento do ser humano, que foi postos pela teoria do Piaget. Com isso o conhecimento é essencial para que possamos analisar e compreender como ocorre o processo do desenvolvimento da criança deficiente auditiva diante na convivência familiar e escolar através das habilidades que objetivam na sua

formação. Segundo Paulo Freire. “*Ninguém educa, ninguém se educa sozinho, o homem se educa em comunhão com os outros*”. Biasoli Alves (1995) disse:

Educação, em sentido amplo, poderia ser equiparada a socializar ou levar o indivíduo a adquirir padrões e normas do grupo social ao qual pertence. Claro está que no meio social colabora para que a criança aprenda e desenvolva seus padrões de comportamento. Essa definição enfatiza o seu caráter processual específicas do contexto. (BIASOLI ALVES, 1995).

2.3 VYGOTSKY: DESENVOLVIMENTO HUMANO E O PAPEL DA ESCOLA.

Vygotsky (1991) amava as artes e se perguntava: como o homem cria cultura? Com inteligência brilhante buscou a resposta na Psicologia e acabou por elaborar uma teoria do desenvolvimento intelectual onde afirma que todo conhecimento é construído socialmente, nas relações humanas, sua obra ficou durante muito tempo inacessível por imposição do regime stalinista, tendo chegado ao ocidente apenas a partir de meados dos anos 60. Suas contribuições são relevantes para a compreensão do desenho, pois enfatiza a interação social por meio da linguagem através de interpretação do desenho como a criança constrói com sua percepção no seu cotidiano. No Brasil, sua obra começou a ser divulgada nos anos 80, ao mesmo tempo em que a linha educacional construtivista se expandia, impulsionada pela psicóloga argentina Emília Ferreiro, Jean Piaget teria lamentado que os dois não tivessem se conhecido. Leu e comentou os elogios e as críticas que Vygotsky lhe fizera em 1932. “Não tendo elaborado uma pedagogia, Vygotsky deixou ideias sugestivas para a educação”, assim afirmou; atento à “natureza social” do ser humano defendeu que o desenvolvimento da inteligência é produto da convivência, da vida cercada por pares em um ambiente impregnado pela cultura. O homem só se constrói como tal na presença do outro.

Para Vygotsky (1991) o conhecimento é sempre intermediado, explicou tal conceito a partir da tríade: Aprendizagem - desenvolvimento – ensino. Aprendizagem: nas relações com os outros, construímos os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. Desenvolvimento: se realiza através dessa apropriação da experiência sócio-histórica. Ensino: representa a organização da experiência a ser apropriada. Para ele a criança nasce apenas com funções psicológicas elementares (reflexos e atenção involuntária), presentes também nos demais animais desenvolvidos. O aprendizado cultural parte dessas funções e se transforma

em funções psicológicas superiores (consciência, planejamento e deliberação), características exclusivas do homem. Tal evolução acontece pela elaboração das informações recebidas do meio, sempre intermediadas, explícita ou implicitamente, pelas pessoas que rodeiam a criança, após reelaboradas numa espécie de linguagem interna. O desenvolvimento das últimas funções consiste mais na individualização de um sujeito basicamente social do que em sua progressiva socialização. A Linguagem é duplamente importante por ser o principal instrumento de intermediação do conhecimento entre os humanos, tem uma relação direta com o próprio desenvolvimento psicológico.

Fala ainda sobre **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)** conceito elaborado para explicar os saltos qualitativos de um nível de conhecimento para o outro que caracterizam a evolução intelectual. É definido como a distância entre o Nível de Desenvolvimento Real, determinada pela solução independente de problemas, e o Nível de Desenvolvimento Potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A brincadeira de faz-de-conta privilegia a promoção do desenvolvimento e o surgimento de novas formas de interpretação e entendimento do mundo real. Cria uma ZDP, pois as potencialidades das crianças podem emergir e se desenvolver numa situação de imaginação.

Na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), a criança usa os recursos (arranjos espaciais próprios e estratégias de ação organizadas pelas gerações anteriores) do ambiente para criar a sua própria ZDP. A criança duplica a realidade, consciente do significado de situações vivenciadas anteriormente ou observadas e pela imaginação dão sentido próprio às mesmas, a Imaginação e a capacidade de imaginar não depende da memória (reprodução), das percepções do passado, ou impressões acumuladas. Mas é a capacidade do homem de criar elementos novos, mesmo se baseando na experiência passada. O principal fator psicológico de seu desenvolvimento baseia-se na necessidade do homem de se adaptar ao ambiente que o rodeia. Discorda de Piaget, pois a construção desse universo ilusório e imaginativo não emerge de motivações prazerosas e individuais. O lúdico também pode ser visto como modo de expressão/representação da criança sobre o mundo. Impressões que constroem sobre o seu universo cultural e histórico, ela composição de cenários, na assunção de papéis e organização da cena lúdica.

Fala sobre o Sócio interacionismo termo usado para distinguir a corrente teórica de Vygotsky do construtivismo de Piaget. Vygotsky e Piaget sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio, os dois se opõem à teoria

empirista e à teoria racionalista, mas diferem na ênfase no fator cultural, Vygotsky afirma que a aprendizagem gera o desenvolvimento mental. Piaget, ao contrário, defende que é o desenvolvimento progressivo das estruturas intelectuais que nos torna capazes de aprender. Para Vygotsky o **Papel da escola** é fazer com que os conceitos espontâneos que as crianças desenvolvem na convivência social, evoluam para o nível dos conceitos científicos, onde o educador assume o papel de mediador privilegiado na formação do conhecimento. A educação não deve esperar o desenvolvimento intelectual da criança, sua função é levar ao aluno adiante, pois quando mais ele aprende mais se desenvolve mentalmente.

Se a brincadeira para as crianças é um exercício de ser o que ainda não são, a escola que se limita ao que elas já sabem é inútil, os professores devem orientar e direcionar o processo de apropriação, proporcionando aos alunos os instrumentos necessários para que estes, em um movimento do interpessoal para o intrapessoal, possam apropriar-se dos dados culturais e assim desenvolver-se.

2.4 MONTESSORI: DESENVOLVIMENTO HUMANO E O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO

Montessori tinha formação na medicina – neurologia - trabalhou com deficientes mentais, se baseava na observação, aplicados à educação de crianças consideradas “normais”. Desenvolveu um método pedagógico para colocar em prática sua filosofia, Conceito de Autoconstrução: a formação da estrutura do ser humano, fruto de uma força interior que se realizaria sob a influência do meio e dos períodos de desenvolvimento.

Trabalhou com as seguintes fases de desenvolvimento: primeiro período -(0 a 6 anos) criança constrói conceitos através da exploração e da absorção do ambiente que a circunda. Inteligência labora em função do “externo” e das relações superficiais existentes, entre os objetos e suas qualidades; período essencialmente sensorial. Segundo período - (6 a 12 anos) o jovem relaciona os fatos à luz da razão, preocupa-se com o “como” e com o “por que” das coisas; entrada no mundo da abstração. Terceiro (12 a 18 anos) o mundo passa a interessar o jovem sob um ponto de vista diferente: procura aquilo que deve fazer, ou seja, desperta para o problema das causas e dos efeitos.

Utiliza o método da observação sistemática do comportamento infantil, num ambiente preparado para atendê-la. Estudava as crianças, acolhendo e buscando significado àquilo que lhe davam, criou condições que permitissem às crianças manifestarem suas ações de acordo

com suas necessidades internas. Uso de material sensorial pensado para trabalhar cada sentido particular. Analisou cientificamente a personalidade da criança, sua capacidade de experimentar as possibilidades de seu desenvolvimento. Para Montessori o **Objetivo da Educação**, tem que busca dentro da criança, a força que impulsiona a sua auto formação e construção.

Para a autora a Educação tem que favorecer o desenvolvimento do potencial criativo, iniciativa, independência, disciplina interna e confiança em si mesmo. O enfoque educacional tem sempre que ser indireto, respeitando a formação da criança, não interferindo diretamente no seu desenvolvimento. A filosofia de Montessori diz que a criança adquire conhecimentos e a aprendizagem se estabelece com maiores possibilidades de sucesso ordenando as atividades com dificuldades crescentes, garantindo a aprendizagem eficiente com a autoconfirmação imediata dos resultados do trabalho. As intervenções indevidas dos adultos comprometem a aprendizagem da criança. Para ela cada aprendiz tem um ritmo próprio que deve ser respeitado. Certos comportamentos como a observação, tornam aprendizagens posteriores, possíveis ou mais fáceis de serem adquiridas, pois certas aprendizagens podem ocorrer muito mais cedo que o habitualmente previsto.

2.5 EMÍLIA FERREIRA: DESENVOLVIMENTO HUMANO E A ALFABETIZAÇÃO

Psicolingüista argentina, discípula de Jean Piaget, revolucionou o conhecimento que se tinha sobre a aquisição da leitura e da escrita lançando com Ana Teberosky, o livro *Psicogênese da Língua Escrita*, onde descrevem os estágios pelos quais as crianças passam até compreender o ler e o escrever, sua maior preocupação era assegurar às classes menos favorecidas da América Latina o direito à alfabetização. Ela assim dizia: “Alfabetizar não é um luxo, é um direito”. Para ela é preciso dar às crianças o direito de se apropriarem da língua escrita em toda a sua complexidade. Dar-lhes o direito de saber ler, criticamente, a palavra escrita pelos outros e o direito de escrever seus próprios textos, colocar suas próprias palavras no papel.

Ferreiro que é necessário uma mudança conceitual da prática pedagógica, na Escola tradicional: o sujeito que aprende praticamente desaparece, porque o reduzem a um conjunto de habilidades (perceptivas, motrizes, perceptiva-motriz, de discriminação perceptiva, auditiva e visual) e a cópia de um modelo na qual é proibida qualquer distorção; a criança o percebe como algo imutável, que deve ser apenas recebido, nunca transformado. A lição tradicional é dada elemento por elemento, supondo que a soma linear dos elementos leve à

totalidade. Assim se avança, letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra, imaginando-se que basta juntar mais letras, sílabas ou palavras às precedentes. Por isso ela afirmava que é preciso uma mudança na visão de Alfabetização.

A revolução conceitual proposta não pretende acrescentar novas atividades, novos livros ou novas propostas às velhas, mas sim de uma mudança total na concepção do objetivo da aprendizagem, do processo da aprendizagem, do sujeito que aprende e, forçosamente, também do professor. Ferreiro considera fundamental compreender o processo que as crianças estão vivendo para poder intervir com eficácia. A partir do conhecimento de uma série de fatos que estão vinculados à evolução psicológica, é preciso pensar em outros termos na intervenção pedagógica e em todas as coisas que estão em redor desta intervenção. Para ela a intervenções Pedagógicas a serem reavaliadas como: o uso de cartilhas, os modos de avaliação e promoção de alunos e, especialmente, os testes de prontidão e provas de avaliações posteriores. O importante é compreender o desenvolvimento das ideias da criança sobre a escrita como um processo evolutivo:

Na lição tradicional, a criança sabe ou não sabe, pode ou não pode, se equivoca ou acerta. isto torna muito difícil compreender que a criança está apresentando uma evolução e que certas coisas são normais dentro da evolução, ainda que ela cometa erros em relação à escrita adulta. O professor deve sempre interpretar a produção gráfica das crianças de maneira positiva. (FERREIRO)

O Caminho da Alfabetização para autora passa por etapas em que a criança constrói o seu conhecimento, independentemente da camada social. Variam apenas de acordo com a idade da criança, nunca de sua condição social, ela criou etapas para enfatizar sua ideia de alfabetização: **Pré-silábica:** não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, **Silábica:** interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra, **Silábico-alfabética:** mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas e **Alfabética:** domina o valor das letras e sílabas. Recomenda aos alfabetizadores o não desprezo da bagagem de conhecimentos sobre a escrita que a maioria das crianças leva para a escola. Nenhuma criança urbana chega totalmente ignorante à escola primária, há uma tendência de confundir os saberes diferentes dos alunos pobres com ignorância (discriminação). A possibilidade de uma criança conseguir alfabetizar-se em um ano escolar, que é muito pouco tempo, depende do seu nível de contextualização (analisar tendências atuais).

Propõe aos professores criação, sem qualquer prova inicial de avaliação, espaços para que as crianças possam produzir e lhes mostrar o que compreendem sobre a escrita. Ferreiro

fala da criança diante do erro, as crianças resolvem seus problemas numa ordem muito específica, assim inferia, resolvem a distinção entre o que é desenho e o que é escrita, descobrem que não é suficiente escrever letras para que algo possa ser lido; como fazer para criar representações diferentes para unidades linguísticas diferentes, depois, resolvem a correspondência entre pedaços de linguagem e entre pedaços de escritas. Descobrem os princípios fundamentais de um sistema alfabético de escrita com atenção preferencial às diferenças sonoras e nesse momento, ela deixa de lado as diferenças de significado, reconhecendo que quando há semelhanças sonoras deve-se pôr as mesmas letras e quando. Há diferenças deve-se pôr diferentes letras. O problema ortográfico vem depois, deve ser feita com o maior cuidado; fora de tempo pode inibir a língua escrita. Deve-se saber qual o momento certo para fazê-lo, sem criar inibições.

Discorre a Proposta Pedagógica Construtivista, ao relatar que às crianças se expressam livre, com criatividade, mesmo quando o texto produzido apresenta muitos erros de ortografia. A correção sobre a ortografia não deve ser confundida com a avaliação da língua escrita que está por trás. Letramento e Alfabetização para Ferreiro no Brasil é a tradução de literacy, mas a melhor tradução seria cultura escrita que não tem início depois da aprendizagem do código, mas se dá, por exemplo, no momento em que um adulto lê em voz alta para uma criança. Diz que o problema com relação ao uso de letramento no Brasil é que a alfabetização virou sinônimo de decodificação, enquanto o primeiro passou a ser visto como contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Tal fato é visto por Ferreiro como um retrocesso. Ferreiro não usa a palavra letramento, mas seu método nos prescreve a esse estudo, tão estudado e aplicado atualmente, por isso condicionou associa essa palavra a seu estudo.

Entre os teóricos que estudam o desenvolvimento, os que aqui foram apresentadas, não foram escolhidos aleatoriamente, mas por encontrar em seus estudos o reflexo do meu desenvolvimento; para Wallon as emoções e afetividade são base para a adequação do individuo ao meio, segundo meus pais minhas emoções dizia minha necessidade e a afetividade da minha família para comigo foi o prêmio para minha motivação, me sentia amada e aceita por todos, dando-me autonomia no mundo inflexível, fator considerado importantíssimo para o crescimento do individuo. Para Piaget a afetividade e as relações humanas levam a uma adaptação e equilibração das assimilações e acomodações, além da afetividade por parte da minha família, convivi com amigos que me aceitavam, assimilei e acomodei atitudes positivas das pessoas da comunidade de Perimirim, por isso houve uma

organização mental, que fazia eu afirmar vou conseguir ir além. Vygotsky amava arte e ele achou nela a busca para suas inquietações, vi também na arte a resposta para todas as aflições internas. Ele trabalhou com o construtivismo, a construção do homem através do meio, me transformei com o meio e cresci com relações recíprocas, os pressupostos teóricos de Vigotski (1998), cuja contribuição tem sido valiosa no campo educacional, iluminam a discussão sobre o aprendizado da escrita (considerada como um sistema de signos socialmente construídos), descrevendo o processo de apropriação da escrita como processo cultural, de caráter histórico, envolvendo práticas interativas.

A aprendizagem da escrita refere-se, pois, à aquisição de um sistema de signos que, assim como os instrumentos, foram produzidos pelo homem em resposta às suas necessidades socioculturais concretas. Montessori trabalhava o potencial da criança com deficiência, para seu desenvolvimento, o reconhecimento do meu potencial me sustentou em todo percurso da minha VIDA. Ferreiro nos fala da mágica, da arte da alfabetização, lendo seu livro vejo minha mãe, professora do interior, sem formação dos doutores educacionais, mas amava e ama o ato de ensinar, teria se embebecido com a teoria de Emília Ferreiro. Vejo minha em sua teoria, pois minha mãe tinha e tem a maestria do ensino, assim como um maestro diante de um coral, A teoria do desenvolvimento humano nos faz entender o quanto é complexo as fases pela qual passa o ser humano, por isso, todo é qualquer individuo precisa ser acompanhada, motivada, aceita e amada independe de quaisquer condições que venha apresentar.

3. ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O PROFESSOR: ARTE UM CAMINHO PARA APRENDIZAGEM, REVELAÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Não são poucos os comentários que ouvir no decorrer do meu processo formativo de professores desacreditados na educação, com visão egocêntrica, a afirmação que o aluno com deficiência tem que ser excluído a um centro específico e que a inclusão atrapalha o processo ensino-aprendizagem do aluno sem deficiência. O grande desafio da educação é vencer seu preconceito, entender que os deficientes tem limitação, mas são associáveis como qualquer indivíduo. Para os professores é difícil o aluno deficiente auditivo entender e compreender. O que de fato não entendemos, é como vocês nos veem? A mentalidade do deficiente auditivo é igual a dos ouvintes, então, os professores têm que entender que o deficiente auditivo é capaz. Sou fascinada por Arte Contemporânea, no entanto, muitos professores olhavam minha limitação, deixando de lado meu potencial, outros acreditavam na minha habilidade, mas fingiam que eu existia. Para mim, poucos professores do Ensino Superior perceberam a minha potencialidade de construir os conhecimentos, individualmente, apesar da minha deficiência viram com olhar espantado, que começa acreditar observando da forma como eu estava fazendo trabalhos escolares sem precisar da ajuda das pessoas.

Os professores de Artes Visuais me deram a liberdade de construir, individualmente, de uma forma diferente a entrar no campo da Arte Contemporânea, analisando as temáticas cotidianas que provocam o público. Adquirir experiências o que eles ensinaram como trabalhar a arte contemporânea na sala de aula, que foi essencial para o processo ensino-aprendizagem, a fim de que o aluno saiba como a arte é a invenção que vem na imaginação.

A prática artística é essencial para aluno surdo, pois por meio dela faz bem ao sentimento emocional e cognitivo, esquecendo as deficiências, viajamos através de gestos dançando na imaginação do toque das mãos na arte com a sensação de paz no interior, por isso a arte é a nossa terapia e amiga do nosso dia a dia. Que o professor e o intérprete de LIBRAS permitam que o aluno deficiente auditivo crie e construa o conhecimento; e imaginar o que vem no interior a temática da Arte Contemporânea, dando a liberdade de expressar seu sentimento, por exemplo, eu sou desenhista e pintora, penso e gosto de criar o estilo diferente da arte, pretendo construir os conhecimentos, é preciso que haja criatividade para crescer, maduramente, a importância da arte. A dificuldade não está nos ouvidos, o que importa é a inteligência que está na nossa mentalidade de ter a liberdade de criar a sua própria arte.

O aluno aprende, se e somente se, o professor ensina. O professor acredita no mito da transferência do conhecimento. O professor possui

o saber e detém o poder estabelecido por hierarquia. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. (Freire, 1985, p. 38).

O professor tem que acreditar na potencialidade do aluno com deficiência auditiva, que tem seu papel de ensinar o educando a entrar no mundo da Arte. A arte é a invenção que vem da memória do aluno não ouvinte, o professor deve estar preparado para lidar com esse aluno. É importante que haja a exposição de arte dos trabalhos dos deficientes auditivos para mostrar as potencialidades deles, que são capazes de criar a sua própria arte, segundo o que vê e repassando o que a sua linguagem expressa Conforme afirma Romanowsk (2007, p.52 e 53):

[...] é visto como mediador para promover a aprendizagem... o professor é facilitador, artista ou profissional clínico que deve empregar sua sabedoria, experiência e criatividade para agir na promoção das condições do desenvolvimento, para a aprendizagem dos seus alunos. (ROMANOWSK 2007, p.52 e 53):

No Brasil o ensino da Arte vem sofrendo várias modificações ao longo dos anos. No início, a arte enfatizava o desenho, a cópia fiel do objeto e o professor era dono absoluto do ensino tradicional e da Educação Artística. Nos tempos atuais, o artista tem liberdade de criar, viajar, brincar na arte é liberar sua emoção. Ao analisar a importância da Arte, compreendi na prática sua importância, aprendi viver e conviver através do desenho e a pintura, professores me ensinaram através da arte, ela se tornou minha terapia no mundo celetista, sociedade que nos afugenta, mas não freia nossa mente, nos entregamos a um mundo que nos abraça, sem exigência, a ARTE: dança, música, teatro, pintura, desenho, etc., isso nos encaminha a aprendizagem. Trabalhar com deficiente auditivo é difícil, pois os professores não estão preparados para esse tipo de trabalho, porém é uma experiência desafiadora e muito interessante. Paulo Freire (1985) dizia: *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”*.

A alfabetização é uma arte, lapidamos o indivíduo para adentrar no mundo das letras, por isso, chamamos código escrito, desvendamos o código quando passamos conhecer as letras, juntamos às e nos fascinamos quando entendemos seu mistério, isso é realmente magnífico. Para mim foi único, inesquecível desenhava as letras que ainda não conhecia, mas as recriava com a tinta do pincel, sonhava com o movimento dos lábios das professoras, desenhava os traços das letras como se fosse um castelo a ser montado. A aprendizagem veio

com a arte, ela sempre foi minha companheira, foi o canhão que derrubou o muro da baixa estima, da inferioridade, foi a língua não ouvido dos lábios do professor. Para o professor a arte foi o método eficaz, a formação da experiência diante da aluna misteriosa, que amava um pincel, tinta e um pedaço de papel.

O professor de Arte tem que ter a preocupação de se preparar através da formação continuada, leituras, troca de experiências e pesquisas para trabalhar com estas crianças na escola, considerando as suas especificidades e necessidades individuais assim trabalhar sua aprendizagem. Com estas informações, ele se posiciona de maneira mais segura para tomar decisões diante de tantas mudanças que vem ocorrendo nas escolas. Trabalhar música, dança e teatro a arte em geral com alunos surdos ainda é raridade. O professor de Arte em suas práticas pedagógicas deve estar direcionado para atender este aluno com necessidades educativas especiais, direcionando os saberes para desenvolver o potencial destes alunos, respeitando a diversidade que apresentam, objetivando a aquisição de conhecimentos que é próprio de cada um, todas as crianças podem aprender, trabalhando de forma diferenciada, recebendo conteúdos iguais ou semelhantes à medida de suas possibilidades. Desse modo, Mirian Pan (2008, p.136) afirma: “Não é o aluno quem deve se adaptar a escola, mas sim, esta que se presume, deve tornar-se um espaço inclusivo, a fim de cumprir seu papel social, pedagógico e político na busca pela educação na diversidade”.

Sabe-se que os professores não estão preparados para trabalhar com uma prática inclusiva, e que não é uma tarefa exclusivamente do professor. É necessário, apoio da família, equipe pedagógica e profissional habilitados em educação especial. Ao planejar suas aulas, o professor deverá se preocupar com os meios e instrumentos para que de fato aconteça aprendizagem. Para Minueto (2008) "O professor é o eixo principal. Ele tem em suas mãos a possibilidade e ações. Ele não pode tudo, mas pode muito".

Uma das preocupações de escola pública é a convivência da diversidade humana, e os professores de Arte, precisam se preparar para trabalhar com esta diversidade, utilizando-se de metodologias coerentes, planejamento condizente com a realidade dos alunos. O que ocorre, muitas vezes, é que a escola não sabe lidar com os surdos, pois não é só fazer adequações físicas, imaginando que está havendo a prática inclusiva. Faz-se necessário o ambiente apropriado para a aprendizagem desse aluno, mas a inclusão vai muito além, a escola é levada a repensar seus valores inclusivos e, assim, restabelecendo sua organização, seu currículo, seu planejamento e sua avaliação, de modo a superar suas próprias barreiras para aprender as necessidades dos alunos com deficiência.

Atualmente, alguns professores estão desenvolvendo bons trabalhos de Arte que incluem crianças e jovens que sofrem em algum grau, com a deficiência auditiva. E, como acontece com as outras disciplinas, os resultados são muito animadores. Os surdos estão mais habituados a gesticular e perceber emoções nos outros. Por isso, quando convocados a se expressar por meio de caras, bocas e movimentos do corpo se sentem no cenário imaginário e ao mesmo tempo real. Daniela Alonso, especialista em inclusão e selecionadora do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10, comenta:

Para aproveitar melhor essa habilidade, é essencial explorar linguagens diferentes”. “Para ficar no exemplo do teatro, é possível montar um espetáculo falado na Linguagem Brasileira de Sinais (libras), trabalhar com mímica ou mesmo criar personagens que não falam, mas interagem com os outros. (PRÊMIO VICTO – EDUCADOR NOTA 10)

Basta lembrar que, antes de surgir à tecnologia que permitiu criar filmes falados, todo mundo entendia o cinema mudo. Nas artes visuais, a audição não costuma ser o sentido mais importante. E muita gente sabe que para dançar, basta sentir a vibração da música (e não é preciso ouvir para sentir essa vibração). Afinal, como escreveu o russo Leon Tolstói (1828-1910), a Arte é mesmo "um dos meios que unem os homens, através dos gestos, emoções e ações". É confiando em estratégias concentradas no método comunicativo que poderemos melhorar o ensino dos alunos surdos. Foi pensando nisso que se criou a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e isso professor é arte, falamos com as mãos: como se fosse um pássaro a voar, ou um poema a traçar, um teatro a apresentar, um livro a recontar, a música a tocar, um pincel a desenhar, a caneta a escrever, um quebra-cabeça a montar. Falamos ao mundo com arte, por isso professor adquire experiência nas salas de aula, o ensino com arte, a aprendizagem lapidada com amor.

3.1 A LIBRAS E A LEITURA OROFACIAL: SUPORTES INDISPENSÁVEIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO

No Brasil, o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), teve sua origem evidenciada nos anos 1980 e desde então veio criando laços mais preponderantes a educação e ao cotidiano dos surdos brasileiros, sendo que em 24 de abril de 2002, a Lei 10.436 reconhece e legaliza a uso das LIBRAS como meio de comunicação dos surdos no referente país.

O ensino da Língua Portuguesa, tida como segunda língua, precisa de metodologia, para o ensino dessa segunda língua, substituindo-a como Língua Materna pela Língua secundária. Assim como em outras Línguas de modalidade oral-auditiva, a LIBRAS possui estrutura

linguística própria estruturando-se por: Itens Lexicais “Sinalizados”: configuração de Mão, ponto de articulação, movimento e expressão facial e/ou corporal. Uma vez entendida como a língua materna do surdo, a língua de sinais será um meio de instrução por excelência, tratando desta forma a Língua Portuguesa como segunda língua, privilegiando-se a escrita, cujo ensino deve explorar exaustivamente os recursos visuais.

É preciso que os profissionais envolvidos com o ensino de língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir de seu direito de aprender com igualdade, entendendo-se, no caso do surdo, que para ser ‘igual’ é preciso, antes, ser diferente (CF. FARIA 2001, P. 39).

Segundo, Pimenta (2001: 24), “a surdez deve ser reconhecida como mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana. Ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte é apenas diferente”. Deve-se acreditar que os surdos são pessoas diferentes e não ouvintes com “defeito”. LIBRAS é uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus usuários. O contato acontece, normalmente, com a participação nas Comunidades Surdas, quando a Cultura Surda vai pouco a pouco florescendo e se diversificando em seus hábitos e costumes, que pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais da Comunidade Surda. Nesse sentido, é fundamental o contato da criança surda com adultos surdos e com outras crianças surdas para que haja uma troca favorável à aquisição da língua, possibilitado por um ambiente de imersão em língua de sinais.

Outra questão relevante na alfabetização de surdos diz respeito à sua escrita. Em princípio, há anos, no Brasil, alfabetizando surdos em Língua Portuguesa e reforçando a Escrita Surda numa interlíngua que apresenta, geralmente, a estrutura da língua de sinais com vocabulário de Língua Portuguesa. Reflexões sobre a alfabetização de surdos sugerem, entretanto, que a alfabetização dos mesmos deva se realizar, inicialmente, em LIBRAS, mas entendo que o texto de um aluno com surdez tem que visto com olhar diferenciado, aceitando a militância lexical desse aluno, no entanto com o mesmo potencial cognitivo de qualquer ouvinte. Por isso Libras é uma proposta de ensino arrojada, mas ainda simples no Brasil, sem dúvida, um caminho que emerge aos poucos e timidamente, por meio da tecnologia oferecida pela língua escrita de sinais. Acredita-se que esta é uma forma de agregar as tecnologias educacionais empregadas no ensino de surdos, além de tornar abundantes e sólidas as ideias dos mesmos.

A língua de sinais garante o suporte para a estruturação do pensamento do sujeito surdo,

permitindo-lhe o desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual para a sua construção como sujeito completo diante da sociedade. A construção do significado a partir de LIBRAS é fundamental para a construção do processo da escrita nos surdos . A escola regular promove a inclusão como via de mão única em que o sujeito surdo deve se adaptar ao ambiente e não o contrário; ou ainda, não busca uma reformulação dos seus valores culturais para atender às necessidades dos grupos que convivem em seu espaço. No entanto, isso não significa vivenciar sua cultura, língua de sinais e valores dentro da mesma amplitude dos valores ouvintes no espaço escolar. Valores da comunidade surda, muitas vezes, estão longe de serem reconhecidos nesse contexto social. A realidade das escolas regulares, em sua maioria, desconhece a importância de uma comunidade surda em seu espaço.

A questão da Leitura Labial chamada Leitura Orofacial, uma técnica muito importante para os deficientes auditivos, que comunica através de observação nos lábios do falante, juntamente, com sons da voz ou não. O deficiente auditivo tem facilidade de entender a fala da pessoa quando se acostuma por muito tempo e alguns procuram aos fonoaudiólogos que fazem treinamento da fala dessa técnica.

A facilidade em realizar a leitura labial, o surdo associa a olhar nos movimentos dos lábios em sua frente que capta em seu olhar, tentando compreender em certas palavras, atitudes expressões do falante e começa com curiosidade ao seu redor procurando palavras.

A leitura orofacial é um auxílio á comunicação e não um substituto da audição. É um instrumento interpretativo, inexato e por isso mesmo “ambíguo”, uma vez que grande quantidade de fonemas que “soam” diferentes ao ouvido normal, “aparecem” iguais nos lábios de quem as pronuncia, e outros nem mesmo “aparecem”. Ex: faca x vaca; bala x mala x pala. (Giusseppe Rinaldi,1997,p. 48)

Giusseppe (1997) explicou, afirmadamente, sobre a leitura labial não é um substituto da audição, mas um instrumento interpretativo que o surdo consegue captar as palavras em que o falante estiver ensinando, porém alguns têm dificuldade de pronunciar em certas palavras devido da audição como, por exemplo, a pronúncia de sons como “p” e “m”, “d” e “n” e “s” e “z”, pode ser facilmente confundidas entre si.

Uso leitura labial desde infância, aprendi com minha mãe, no momento que eu queria estudar. Ela sem saber o que me ensinar, devido a minha deficiência auditiva, era completamente muda que não conseguia falar; não havia intérpretes que pudesse me ensinar da LIBRAS e nem amigos surdos. Ela atendeu a minha insistência, procurando criar meios diferentes metodologias de ensino através de leitura labial, desenho, alguns gestos na sala de aula, dando nomes das coisas. Com isso, fui aprendendo a captar no olhar nos seus lábios que

deu bom resultado para o processo da aprendizagem. A Leitura Orofacial ou Leitura Labial é um suporte para o desenvolvimento do aluno deficiente auditivo, é o meio de aprender a falar certas palavras. É importante, a pessoa ouvinte que queira conversar, tem que falar em ritmo não rápido e não muito lento, é necessário uma conversa com ritmo natural com surdo que usa a leitura labial, para entender melhor.

4. REVELAÇÃO DE UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

Relatar sobre minha vida é emocionante para mim, pois é uma história de desafios e superação; esse relato é a realização de um sonho, pois através dele pretendo motivar outros deficientes a acreditar em seu potencial e agradecer a todos que confiaram em minha capacidade, motivar professores e envolvidos no processo formativo que a inclusão é uma conquista e um merecimento de todos os deficientes. Eu me chamo Leiliane Santos, filha do pescador Valter Duarte e da professora Mirian Santos, sou a segunda filha desse casal, nasci em uma vila - ilha pesqueira, chamada de Perimirim (Peri - nome do índio, primeiro morador da vila, mirim - fruta principal da ilha), ilha fica situada no nordeste do Pará, é banhada pelo oceano atlântico denominado de rio Urumajó primeiro nome do município onde nasci. Perimirim é um lugar de pescadores, com belas paisagens, apresenta belas manhãs, um lindo amanhecer que abraça o mar salgado; a revoada dos guarás em frente a orla; belas canoas com suas velas e batelões que andam na maresia, as garças, os patos mergulhões, gaivotas e outros que são amigos da praia, passeiam sobre o chão e o ar; pessoas sentam nos bancos em frente ao mar, recebendo o maravilhoso vento que sobram em seus rostos, tirando a quentura do sol, fazendo os corpos descansarem. É um dos pontos turísticos da cidade de Augusto Corrêa, atual nome do Urumajó, após sua emancipação.

No Perimirim acontece um evento muito importante denominado, **Regata dos Pescadores** que chama atenção pela disputa a vela das canoas, por isso, alguns também o chamam de **Montarias ao vento** (nome do projeto feito pelo meu irmão), acontece também nesse dia o desfile da musa da regata, o evento já é bem acessado no Youtube, e é com satisfação que declaro que o criador desse evento foi meu irmão mais velho Ronivalber, mais conhecido como Walber, professor pedagogo, talentoso como poeta e desenhista, expressa em sua poesia a beleza da sua vila e vida do pescador local, profissão do nosso pai.

A história de Perimirim teve início com o seu primeiro morador o senhor Milton Paixão, que vendeu a ilha para o prefeito Osvaldo Sampaio de Augusto Correa em 1974, o objetivo foi doar a vila para as pessoas desabrigadas que necessitavam de um novo habitat devido à enchente ocorrida na primeira ilha, Coroa-comprida, que derrubou suas casas. A moradia do meu pai também foi atingida pela enchente, por isso ele veio com sua família para o Perimirim. Sua primeira esposa anos depois faleceu deixando três filhos. Com o crescimento da vila e abundância de peixe, novos moradores chegavam a vila em busca de nova vida e um desses moradores era meu avó nos anos 70, meu pai se apaixonou pela minha mãe, e anos mais tarde casaram, nascendo no ano posterior seu primeiro filho Ronivalber

Santos. A colônia de pescadores cedeu espaço para realização de aulas, minha mãe e outros professores lecionavam na vila e estudavam na sede do município.

Nasci em 28 de dezembro de 1981, segunda minha mãe os primeiros meses tudo parecia normal comigo, com exceção de um tumor próximo ao meu ouvido esquerdo que saía secreção constantemente. Os meses passaram a minha mãe percebeu que eu não atendia a nenhum barulho e também não emitia som algum como o filho anterior. Segundo ela, quando bebê eu passava o dia todo deitada na rede todos os dias, sem chorar, e isso a incomodava, por isso, começou a perceber que algo estava errado comigo. Levaram-me então aos médicos, recebendo o diagnóstico de surdez, e a recomendação que me levassem a Belém mensalmente, recomendando ainda o uso de aparelho, no entanto, meus pais eram muito pobres; sem condição para o tratamento e para a compra do aparelho, começaram lidar com a deficiência através gestos e leitura labial.

O que mais preocupava meus pais no momento era o tumor no lado esquerdo do ouvido, pois saía secreção constante, com a falta de recurso para sanar ou amenizar o problema, resolveram confiar no médico infalível, Deus. O tempo passou e junto com ele veio o milagre divino: o tumor sarou e a prova do milagre ainda resta. Minha mãe acreditava que a surdez era consequência do tumor, porém os médicos afirmaram que não, eu nasci com a deficiência, podendo ser por complicações na gestação ou hereditária, mas para meus pais isso não importava, o que os preocupava era como comunicar-se comigo. Cresci e convivi com a deficiência.

Morávamos próximo à praia e todos os dias eu e meu irmão descíamos para desenhar na areia e tomar banho no mar, mas a hora do almoço nos tirava das águas, e me deixava triste, pois sabia que meu irmão ia para escola, eu também queria ir, mas minha mãe gesticulava que não, chorava ao ver minha mãe sair com meu irmão, pois ela não sabia como trabalhar comigo na aula devido a minha deficiência. Ficava feliz quando mamãe trazia lápis e caderno para mim: desenhava, pintava e imitava letras era fascinante. O tempo passou vieram minhas irmãs, descíamos a praia com meu irmão, brincávamos na areia, mas aquele horário sempre ainda me deixava triste, o momento da ida dos meus irmãos a escola.

Minha mãe não suportou mais minha tristeza ao vê-los sair, por isso, determinou que eu estudaria. Minha entrada na escola foi o dia que mais marcou minha vida, foi quando eu tinha nove anos de idade, eu estava comendo peixe assado na casinha de palha no quintal, fiquei olhando a minha mãe saindo de casa com os livros e cadernos nos braços, ia para escola, pois trabalhava como professora, comecei a gritar com a mão levantada, ela veio até mim, perguntando com gesticulação o que eu queria, como não sabia falar, apenas gesticulei com as

minhas mãos que queria estudar, mas ela achava que era impossível, foi com tristeza que ela fazendo os gestos que não, mas eu continuava insistindo. Ela não suportou mais vê minha insistência e resolveu que eu iria estudar, fiquei tão feliz, me arrumei e sai correndo para à escola, pulando de alegria. Minha mãe me matriculou, no entanto nenhum professor quis me aceitar. Então ela aceitou o desafio (minha mãe já era professora), mas não tinha formação, estava fazendo o magistério.

Lembro-me que um dos primeiros exercícios foi cantar e cobrir a letra A na sala de aula; minha mãe me ensinou de forma prática, eu comecei entender olhando a sua mão, pois não ouvia; observava com atenção seus lábios e mãos. E pouco tempo, eu queria algo novo que me chamasse atenção, pois segundo ela, lecionar para mim era um desafio, a aula tinha que ser bem planejada, sempre eu queria mais desenhos e novidades. A princípio ela desenhava e apresentava a letra ao lado, ela utilizou o método fônico, sem saber que autora Cecilia Meireles (Método Casinha Feliz), apresentava em seus livros tal método e com tempo percebi que seu método comparava-se com as teorias de Emília Ferreiro também. Eu não gostava de escrever só letras, queria desenhar juntamente com a frase. É inesquecível, ela dividia o quadro ao meio, e escrevia para os alunos normais e a outra metade era os desenhos para mim. Minha mãe me ensinava a ler e escrever, falava de frente para mim, usando a leitura labial e gestos através de mãos, que foram essenciais para a aprendizagem, falava vagarosamente e repetia novamente a cada palavra, e mostrava os desenhos de cada letra do alfabeto. O método que ela usava foi dar os nomes para que eu possa olhar pela boca dela, aprendia através de leitura labial, desenhos e alguns gestos que ela exercia durante aula. Os desenhos eram de objetos, animais e frutas do lugar onde morávamos, tornando mais fácil para minha a aprendizagem. Segundo minha mãe, aprendia com facilidade, porém, tinha dificuldade de pronunciar ou seja, captar o som das palavras que eu ficava confusa como como P ou B, S, Z ou C, F ou V.

Aos nove anos de idade, minha mãe me alfabetizou como minha primeira professora que me ensinou ler e escrever, aprendendo a olhar pela boca dela as palavras que vieram na minha vida e ensinando a captar as palavras para que eu possa saltar a língua, e ela repetia cada alfabeto. Ela foi e ainda uma excelente professora que soube criar sozinha sem que ninguém ensinasse, ela me ensinou em casa e na sala de aula, sei que não foi fácil para ela, mas venceu essa etapa da minha vida e eu aprendi ler rápido, que surpreendeu seus colegas de trabalho. Gostava de ouvir a voz dela, pois tem voz alta que me deixava curiosa, a saber, conversar, no momento em que ela conversava com as pessoas, pegava o caderno para não perder as palavras proferidas por ela, sem ela perceber. A escola é muito importante, onde

deficiente aprende a viajar o mundo das palavras da leitura e da escrita como tenho aprendido, foi um mundo educador para mim que a curiosidade se contagia ao olhar levando-me a descobrir a essência da educação que ela oferece até chegar na universidade. Meu pai muito contribuiu com minha formação, sendo um homem carinhoso, brincalhão e companheiro em todas as fases da minha vida, amando de forma maravilhosa; lembro-me ele ia pescar, passava vários dias longe da família, era seu compromisso para sustentar com muito esforço e coragem, um homem trabalhador que sempre navega sua canoa, sua diversão. Olhávamos canoa com sua vela dele longe e reconhecíamos; ficávamos muito felizes, corríamos passando na lama para abraçar, ele tinha a mania de carregar todos nós quatro, era uma infância feliz. A vida de um pescador é uma vida dura, devido a fúria do mar, o vento forte que toda vez derrubava as canoas, eles perdiam seus materiais. Sua vida pesqueira me influenciou na pintura e no desenho que eu realizava, analisando a vida cotidiana de um pescador e a beleza das paisagens da vila de Perimirim.

Fiquei estudando na companhia da minha mãe na sala de aula ,pois queria estudar, me preparando para o futuro que me aguardava com surpresas. A paixão de minha mãe pelo ensino resultou na minha aprendizagem e de muitos alunos, sendo essa contemplada com o título de professora, nota dez, ao utilizar o método casinha feliz, crianças cedo sabiam ler. Por isso com seu amor pelo ensino e com minha habilidade consegui ser uma das melhores alunas da escola. O prêmio dado a minha mãe como a melhor professora da Alfabetização da região da cidade de Augusto Correa, foi em reconhecimento às estratégias utilizadas por ela no processo ensino-aprendizagem na sala de aula, da forma como ela me ensinava. Ela foi parabenizada pela Secretaria de Educação por ter conseguido me ensinar, sem curso específico para ensinar o deficiente, que utilizou a metodologia de ensino com sua criatividade sem que ninguém orientasse. Ela era uma professora criativa que gostava de trabalhar fazia dramatização, criava histórias para as letras. Minha mãe conta de uma dessas histórias, um aluno tinha dificuldade em colocar M ou N antes de B e P, então ela disse para ele, vou lhe contar uma história. Era uma vez, em um lugar não tão distante, morava uma mulher carinhosa e feliz, todos os anos ela recebia visitas importantes; sabe quem era turma? Assim perguntava, ficávamos atentos, todos gostavam desse momento. Ela continuava era as consoantes e as vogais, estavam tirando férias, a casa da senhora ficava próxima a praia.

A chegada desses hóspedes deixava a senhora muito feliz, pois desvendava o mundo quando eles conversavam com ela, os visitantes gostavam daquele lugar, pois próximo a casa tinha um lindo mar, assim como o seu lugar alunos, inferia. Imaginávamos e viajávamos com a história. Ela continuou, eles guardaram suas bagagens, então desceram a praia, uns ficaram

distantes, mas o M, N, P, B e algumas vogais resolveram ficar próximo, o P e B queriam tanto se refrescar que logo entraram na água, minutos depois o N percebe algo errado com o P e o B, estavam se afogando. Então sem pensar foi salva-los, porém não conseguiu traze-los, tinha apenas uma perna, voltou e avisou o M, dizendo rápido, vai salvar o P e B, não consigo, você tem duas pernas, agarra o B em uma perna e abraça o P com a outra. O M correu. Nadou, nadou até conseguiu traze-los, as consoantes vieram ver, estavam preocupadas. O P e o B, chorando diziam, como podemos lhe retribuir por esse salvamento, as consoantes observavam, esperando a resposta do M, porém ele disse que nada deviam, mas o P e o B insistiam, então o N se posicionou; amigos lamentou não conseguir salva-los, mas realmente o M merece algo. Pensou, pensou, após alguns minutos, a professora pergunta: _ e então crianças o que aconteceu? Imaginem! Alguns arriscavam opinião, um aluno falou:- Professora, eles passaram andar juntos. Minha mãe ficou feliz, não sei se ela já tinha o final da história, ou o menino lhe deu uma nova ideia, mas continuo a história dizendo: __ muito bem, o N, disse para todos, como não salvamos o B e o P, e o M com ousadia os livrou da morte, a partir de hoje, eles vão caminhar juntos.

Ela então olhou para o aluno que não conseguia entender essa diferença, e perguntou, entendeu, por isso, o M, anda até hoje acompanhado do P e do B. Esse aluno cresceu entrou na Universidade, e afirma nunca esqueceu essa história, e a dificuldade foi sanada. É com lágrimas que escrevo a vocês leitores sobre minha mãe, não me deu somente a vida, mas me aceitou, mostrou a todos que eu tinha limitação, no entanto isso não colocaria um fim no meu destino. Por isso a conquista desse sonho, também é dela! E de toda minha família.

Eu e meus irmãos adquirimos conhecimento através do amor incondicional dos meus pais; e aprendendo a criatividade do meu pai, contador de estória e habilidade de ensino de minha mãe, vencemos a prosseguir os talentos deles que repassaram pra nós. A vila onde nasci era distante do município, atravessávamos de barco; meu irmão foi o primeiro graduado e concursado da vila, minha irmã mais nova tem duas graduações e é especialista, a segunda é graduanda do curso de pedagogia e eu termino com alegria o curso de Artes visuais e quem sabe realizo o sonho de mostrar ao mundo essa história de desafio e superação. Os anos passaram então chegou o momento de estudar com outras professoras, mas primeiramente, minha mãe ensinou a elas a forma como lidar com minha deficiência, o resultado também foi plausível. Eu era muito boa em todas as disciplinas e desenvolvi rapidamente. Aconselho que podem surgir dificuldades no meio do caminho, mas as barreiras não impedem quem nunca desiste do seu sonho.

A fala tardia deixou seqüelas em minha vida, pronuncio as palavras com dificuldade e isso sempre causou risos nas pessoas, quando criança, mandavam eu pronunciar palavras, apenas para rirem de mim, não entendia por que riam, por isso gostava, mas com o passar dos anos percebi que zombavam de mim. Tentei superar esse problema tentava ouvi as pessoas falando, perguntava a minha mãe a pronúncia de uma determinada palavra para eu repeti-las, lia bastante jornais e dicionário. Minha maior dificuldade é com as letras D e T (dedo chamo de teto), também P e B (pomba chamo de bomba). Meus irmãos me ensinavam, construíam texto junto comigo, isso me ajudou na aprendizagem, devido esse acompanhamento surpreendi professores com meus textos, coerente e coeso. Todo aluno com deficiência auditiva faz um texto com palavras no infinitivo, e não é considerado erro, pois em libras não há verbo conjugado, levando o aluno escrever da maneira que o sinal lhe repassa, no entanto eu não aprendi libras, pois os professores que me ensinaram não sabiam, mas minha escrita era como de um aluno normal. Muitos afirmam ela ouve, porém não era e não é verdade, o laudo médico comprova; tenho mais de noventa por cento da audição perdida no ouvido esquerdo e mais de cinquenta por cento de perda no ouvido direito. Minha irmã Adriana companheira nessa trajetória de estudo, orientou-me com dedicação na realização desse sonho, sempre afirma: “Somos sua audição e você é o prêmio de experiência para toda nossa família”.

Segunda minha mãe foi um desafio me alfabetizar, as aulas tinham que ser com bastantes desenhos, gravuras das consoantes e vogais. Sentada na cadeira na frente, ensinava-me as palavras que eu ficava olhando em seus lábios se movimentando tentando alcançar e aprender a captar o som das palavras através da leitura labial que foi essencial para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Muitas vezes, as pessoas não entendiam os meus gestos, eu ficava irritada.

O ano letivo chegou ao fim e para felicidade de minha mãe, conseguir ser alfabetizada. Os professores parabenizaram minha mãe, no entanto algo lhe preocupava, quem receberia sua filha, no próximo ano. Ela então conversou com sua amiga de trabalho, professora Léia e perguntou se ela poderia receber sua filha, pois ela não queria que a mesma parasse os estudos, afirmando que a menina iria ficar muito triste. A professora respondeu que sim, no entanto a professora ficou bastante preocupada, mas a mãe da menina disse para ela não se preocupar, pois daria todo suporte necessário.

Todos na vila gostavam de mim, admiravam meus desenhos e minha alegria apesar da deficiência, pedia dinheiro para meus pais para ir ao comercio, o dono da venda já sabia, tinha que me dar papel e caneta para desenhar o que eu desejava e as vezes com gesticulação, assim

eu me comunicava. Na escola ficava triste, meus colegas se reuniam para rirem de mim. Eu era avaliada como uma criança normal, mas minhas notas eram excelente o que surpreendia os professores. Saia sempre correndo da escola, pois lá fora estava meu irmão me esperando para irmos a praia; a noite era o final mais feliz do dia, meu pai nos colocava em uma rede ou na cama e nos contava belas histórias. Ele gesticulava para mim com muito calma, por isso eu entendia. Lembro-me a história do **pavão misterioso** era mais interessante, sempre pedíamos para repetir, sempre dizíamos como o papai é inteligente sabe tantas estórias, depois descobrimos que ele as criava. A medida que eu ia crescendo, amava ainda mais a arte, a comunicação com meus pais era apenas através de gestos e desenhos, habilidades que eu possuía, meu primeiro contato com a arte foi na areia, dela saiu minha inspiração. Com tempo tivemos que nos mudar da beira da praia, a erosão levou nosso lar (tem uma pintura que relata tal fato), mas as lembranças estão vivas como se fosse hoje.

Como já relatei Perimirim é uma ilha que não tinha ponte para atravessar para outros lugares, viajamos de barcos no rio Urumajó quando íamos para a cidade de Augusto Correa. A escola funcionava até quarta série, muitos alunos que terminavam nesta série desistiam dos estudos por falta de condições financeiros, mas meus pais com coragem e confiança mandaram o meu irmão Walber para estudar na sede do município, na casa da minha avó, mulher amorosa com os netos, brincalhona e divertida, sempre me cobriu de carinho, foi a primeira a perceber minha deficiência. Ela tem um sítio frutífero, passávamos as férias nele, meu avô é calmo, paciente e observador, diz sempre, neta abençoada, com essas pessoas maravilhosas meu irmão foi morar.

Na pequena vila de Perimirim não havia energia, nem estrada e nem água encanada, apenas havia luz a motor que apagava às dez horas da noite. A vila era grande, mas houve uma grande erosão, devido a fúria do mar que derrubou muitas casas, igrejas, centro comunitária, praça dos pescadores, comércios e posto de saúde. Nós sabemos que o mar iria destruir a nossa casa que estava bem pertinho da praia, tivemos que mudar para outro local. Com o tempo, a maré levou o nosso terreno e outros terrenos dos vizinhos, ficando o mar, manguezais, pássaros, os crustáceos, as canoas e barcos. Minha mãe decidiu lutar por nossa vila, juntamente com alguns líderes da comunidade, foram em busca de melhorias para o Perimirim, com dificuldade conseguiram luz direta, micro sistema de água, um novo posto de saúde, um colégio, ponte, estrada, cais de contenção para evitar a erosão da vila, ônibus para conduzir os alunos até o município e outras mudanças que garantiram a minha mãe o título de vereadora, anos mais tarde.

Concluir o Ensino Fundamental com a ajuda dos inesquecíveis dos professores que não fizeram curso para atender um aluno com deficiência, no entanto deixaram sua marca de carinho e dedicação para comigo, me fazendo compreender que ensino-aprendizagem se faz com amor. Mirian (minha mãe), Léia, Rosimery, Eunice e a Irene deixaram suas marcas em minha vida. Minha segunda irmã sempre estudou na mesma sala que a minha, minha mãe sempre exigia para que ela me acompanhasse nas aulas, mas ao término do estudo ela casou então nos separamos, pois ela parou os estudos durante alguns anos, retornando tempos depois.

Um fato na minha infância me faz amar ainda mais, minha mãe que venceu todas as barreiras possíveis, acreditando que eu poderia conquistar meu espaço na sociedade, sempre a via orando com lágrimas nos olhos, mas não entendia. Hoje sei o por que daquelas lágrimas; ela relata que sempre pedia a Deus um milagre em minha vida; o tempo passou e com nove anos comecei pronunciar as primeiras palavras, com muita dificuldade mas o milagre veio, por isso devo a Ele o que sou. A prova de um milagre! Pertenci a primeira equipe de alunos que iam estudar em Augusto Corrêa, enfrentamos muitas dificuldade, mas era divertido, conheci novos amigos, outros professores, a entrada na escola daquela cidade, preocupava minha mãe.

Falando com dificuldade e com a audição totalmente comprometida, entrei no Ensino Médio, mas algo preocupava minha não teria a companhia de minha irmã a partir desse ano, fiquei triste por que minha irmã não estaria ao meu lado, ela me defendia dos críticos, me ensinava, conversava comigo. Mas minha mãe conversou com todos meus professores, falou sobre mim, esses professores também eram seus amigos, afirmaram o compromisso de me ensinar com paciência e dedicação, e cumpriram a promessa. Sair da escola que me ensinou conviver, e adentrei em outra que me provou a dor da rejeição, meus colegas zombavam de mim, minha irmã que me defendia não estava mais lá, eu chorava, mas persistia; o primeiro ano, o médico recomendou que eu parasse, eu me esforçava para tirar as melhores notas e isso prejudicou minha mente, me obrigando parar. Chorei demais, comecei meu tratamento, lia muito; meus irmãos e eu sempre fomos apaixonados por um livro, minha mãe fazia de tudo para nos trazer um novo livro, pois sabia que nós amávamos ler.

A dor da rejeição sempre me fazia lembrar os bons momentos da infância, a saída da escola reforçou essas eternas lembranças, da ida ao comércio comprar o pirulito, lembro ainda que uma vez fiquei muito feliz, tinha ganhado em primeiro lugar em concurso de desenho na igreja evangélica. É interessante também relatar que todos meus irmãos e tios desenham e pintam tornando ainda mais fácil a comunicação comigo. Aprendi observando o que eles

faziam. Ao falar da língua familiar que eu usava, às vezes, as pessoas não entendiam alguns gestos das minhas mãos, eu ficava irritada, pois precisava que elas entendessem a minha comunicação. Às vezes, quando eu viajava com minha mãe, via as coisas que me chamavam atenção, sempre fui curiosa, achava bonito quando observava na casa das pessoas, corria em busca de caderno para desenhar, porém, às vezes não achava; resolvia desenhar na parede para que minha mãe entendesse melhor e repassar para as pessoas(Veja a obra 10). A comunicação era diferente da língua de sinais, LIBRAS, que os deficientes auditivos são ensinados pelos intérpretes de língua. Era uma língua simples que meus pais e meus irmãos entendiam. Meu irmão Walber me acompanhava nos passeios na praia e outros lugares; sabia se comunicar comigo, me defendia diante de seus amigos, éramos tão íntimos. Ele me chamava de Liquinha, carinhosamente. Lembro-me que quando ele corria para me encontrar, gesticulando e fazendo nas mãos as ondas do mar, eu entendia, estava me chamando para ir à praia, e assim gritava: Liquinha! Bora to-mar, ba-nho, na maré! Balançava a cabeça, fazendo sim com muita alegria, imitando a forma como ele imitou o mar, corríamos velozmente, ao tão querido mar. Enquanto as outras irmãs Leidiane e Adriana ainda pequeninas iam também tomar banho.

Nós, quatro, quase todos os dias acordávamos cedo para irmos à praia para desenhar e brincar na areia fazendo casinhas; pegávamos lamas para fazer as panelinhas, bonecos e outros objetos. Com meu talento fiquei conhecida na escola e na igreja; cresci olhando os talentos da minha mãe através de comédias, coreografias, trabalhos artísticos, organizações de eventos. Houve evento de pintura nos muros da escola fundamental, ganhei como a melhor pintora. Quando eu tinha 20 anos de idade, ganhei como a melhor coreógrafa da semana da Pátria na cidade de Augusto Correa, a coreografia e a dramatização foram muito aplaudidas por multidões, com hino “Tempo de ser feliz” da cantora Cristina Mel, havia pessoas que falavam antes da iniciação da coreografia que eu e meus “alunos” não tínhamos jeito de apresentar, não acreditavam em capacidade, e o que os surpreendeu foi saber que eu era a coreografa das meninas e dos meninos. Essas lembranças me sustentam, fazendo seguir.

No ano posterior ao meu tratamento voltei a estudar, com muita dificuldade, mas com a ajuda dos professores que conheciam minha deficiência e a persistência dos meus pais terminar o Ensino Médio, mas decidida não estudar mais devido os constantes preconceitos que sofri na escola: falava errado, não ouvia direito falarem comigo, era chamada de doida, doente mental, débil, louca, e assim adjetivos depreciativos não faltavam. Apesar das minhas boas notas, as criticas não faltavam, por isso decidir não estudar mais, minha mãe ficou triste. Após terminar o Ensino Médio vim morar com minha irmã mais nova em Macapá, ao chegar

aqui ela estava terminado o curso de Letras/ Francês, ela perguntou a mim se eu queria fazer o processo seletivo da Unifap (Universidade Federal do Amapá) eu disse, não, fiquei com raiva, mas ela insistiu; me matriculou no processo seletivo da Unifap, também no processo do Candido Portinari e no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e começou me ensinar em casa; não quis fazer os processos como deficiente, pois havia feito o prova do Danielle Miterrand tirei uma boa nota, no entanto eles afirmaram para minha irmã quando questionou o motivo, dizendo que eu era deficiente, por isso eu não poderia estudar. Fiquei decepcionada, e decidir a partir daquele momento fazer as provas como pessoa normal. Esse fator preocupou minha irmã, pois relatei que encontrei dificuldade no momento da prova da UNIFAP, não entendia como resolver as questões, mas fiz deixando de lado a prova de desenho, entreguei a prova concluída e esperei a nota, minha irmã não falou nada para minha mãe, queria que fosse surpresa, ela afirmava em meio o meu desespero, você vai passar. Saiu o resultado e realmente passei em oitavo lugar, quando minha mãe soube chorou e relatou-me:- Sempre confiei que você iria mostrar aos que não acreditam na tua potencialidade suas conquistas infinitas, e essa e apenas mais uma da tua história de superação.

Realmente era o inicio da minha vitória, fiz os processos mencionados e passei em todos: tirei cem pontos na redação do Enem, passei no Candido Portinari e passei em oitavo lugar na Unifap e hoje estou concluindo esse curso com confiança de que sou capaz de conquistar muito mais meu espaço na sociedade e não importar o desafio: eu vou supera-los! Pois confio em Deus acima de tudo, a prova disso é a família que ELE me concedeu que sempre acreditaram em mim, e também me deu um companheiro maravilhoso que me faz acreditar cada vez mais nas minhas habilidades.

A entrada na Universidade me deixava triste, temia sofrer o preconceito que enfrentei no Ensino Médio e Fundamental, minha irmã inferia:- Você é capaz de vencer qualquer barreira, faça das pedras escada, e das palavras azedas uma limonada, surpreenda os críticos com tua arte e talento. Iniciei a aula tímida, encontrei amigos inesquecíveis, professores companheiros, mas também percebi a relutância de alguns em fazer trabalhos comigo e minha amiga deficiente. As dificuldades encontradas na sala de aula na área de Artes Visuais que eu tenho percebido, as vezes, sentia tão sozinha sem ter ninguém pra conversar, como se os meus colegas achasse difícil de comunicar e não sabiam lidar a minha deficiência. Olhava meus colegas conversando com os outros, e deixavam de lado; e sentia tão desprezada e inferior aos outros ,cheguei o ponto de desistir tudo, querendo embora para estar com minha família no Pará, onde recebia a companhia e a comunicação. As vezes, eu tinha vergonha de contar a

minha deficiência para os professores, por medo que outros zombarem se eu não ouvir direito, isso era um dos meus defeitos; minha família falava que eu tinha que contar e devo me aceitar e amar do jeito que sou. Outra dificuldade foi a falta de comunicação por não ouvir direito, meus colegas não sabiam como é o mundo dos deficientes auditivos, porém eles perceberam que eu precisava deles como meus atendentes e depois foi melhorando a interação entre ouvintes e não-ouvintes, isso deu resultado bom para o meu aprendizado na sala de aula. Gosto de fazer trabalho, individualmente, pois quero construir conhecimento e viajar algo novo para mim. Quero mostrar que eu tenho a potencialidade, não agrado que os professores aprovam ao aluno deficiente auditivo se não aprendeu, só porque é deficiente, isso me entristece. A relação com os professores no processo ensino-aprendizagem foi boa e outro excelente, a nossa vida sempre assim, eu e os meus colegas já encontramos dificuldade sim na sala de aula, porém aprendemos com o ensino deles que deixaram para nós a importância da Arte, existe um canto essencial que construímos os conhecimentos que adquirimos as experiências o que os professores repassaram para nós.

Antes, estava perto pra desistir, meus colegas e professores me deram força para continuar o estudo, dizendo:- Leiliane espere, não vai embora, não nos deixa. Nós vamos ficar tristes. Continua estudar com nós. E também a minha família afirmava:- Você é capaz, mostre que não importa as lutas, tens força para vencê-las. Antes de entrar na Universidade, fazia o Candido Portinari onde conheci meu esposo, passamos viver junto anos depois, mas o trabalho o levou para longe de mim, fiquei triste, ele foi morar com meus pais, nos vemos nas férias. Minha irmã me confortou, mas depois ela também foi embora. Antes de ir embora, me chamou e disse:- Não desista, realize teu sonho, não se importe com as pessoas. Fiquei preocupada, minha irmã sempre me acompanhou nos estudos. O tempo me fez entender que os fatos ocorridos serviram para mim como experiência, precisava entender que eu podia trilhar o caminho sozinha, eu era capaz e sou, a vida me provou isso.

Após a ida da minha irmã e meu esposo, recebi companheiras inseparáveis, já as conhecia, mas a ausência da minha irmã me aproximou mais delas, Raquel e Maria do Socorro, minhas eternas amigas e companheiras. Os meus colegas de Artes Visuais foram meus atendentes que entenderam a minha deficiência aprendendo como é a vida do deficiente no ambiente em que vive, preocupando com o meu estudo acadêmico e que foram meus amigos que lidaram a conviver comigo me fazendo erguer a cabeça pra cima de não desistir neste ambiente universitário, isso é importante a interação entre eles e eu através da construção de conhecimento que vale ressaltar o convívio social, uma relação construtiva que

o indivíduo surdo aprende o mundo dos ouvintes. Os professores de Artes Visuais me deixaram a construir, individualmente, para que eu aprenda a desenvolver a construção de conhecimento da Arte como saber criar e imaginar cada estilo que arte mostra. Eles se tornaram meus amigos lidando com a minha deficiência. Na contemporaneidade, o processo ensino-aprendizagem na sala de aula na Universidade Federal do Amapá foi muito importante para mim, pois adquirir experiências através da Arte como performance, História da Arte, Pesquisa em Arte e entre outras, resultou o bom desempenho e aprendizagem que consegui construir conhecimentos aprendendo com eles. Alguns não têm se preocupados com a minha deficiência, pois percebi que não estavam preparados a lidar com isso, de como lidar devido a minha deficiência da audição, achando que seria difícil para mim, porém outros se preocuparam, perguntando como está a minha aprendizagem. A dificuldade que encontrei era conseguir orientador que possa me orientar como vai preparar o aluno surdo para o futuro?

Muitos professores e alunos estão precisando de livros sobre a educação dos surdos, querendo aprender como lidar a deficiência e quais os métodos e técnicas que devem ensinar eles. Desejo escrever o livro a importância da metodologia de Ensino da educação do deficiente auditivo como minha mãe utilizou os métodos para me ensinar. Tenho procurado livros da Educação dos surdos, porém não encontrei por isso a UNIFAP está precisando, o Brasil também precisa!

Havia uma professora da Educação Especial dizia que eu não poderia apresentar o TCC por causa da deficiência da fala, não acreditando a minha potencialidade. Mesmo assim falei que não importa que eu tenho problema, mas o que importa é que sou capaz.

4.1 RELATOS DOS ETERNOS COMPANHEROS

Venci as barreiras do preconceito com ajuda dessas pessoas, vidas que sabem o que é incluir, algumas estudaram tiveram contato com os grandes estudiosos que falam sobre esse processo inclusivo, outras desconhecem essas teorias, mas vivem na prática essa atitude. Entrevistei com objetivo de relatar a você, leitor, as palavras que transformaram minha vida e quem sabe mudar a sua.

Para referendar esta monografia utilizou-se uma pesquisa de campo, com um memorial de caráter exploratório e qualitativo, bem como uma pesquisa bibliográfica, tendo como instrumento de coletas de dados a elaboração de uma entrevista com membros da família e professores que atuaram junto a mim na Educação Infantil. As entrevistas foram realizadas através de vídeos e cadernos para que não esquecesse o que eles diziam sobre a sua

convivência durante na minha infância e adulta, afim de que eu entendesse melhor. Viajei no Pará em busca de conhecimento através de pesquisa na vila de Perimirim-Augusto Corrêa, minha terra de origem, onde residem meus familiares. Minha irmã caçula Adriana como minha co-orientadora esteve presente ao meu lado orientando e preocupando a minha aprendizagem durante o percurso da pesquisa, pois ela é especialista em Educação Especial.

Início esse relato discorrendo as palavras da mestra-mãe, que não conhece Augusto Cury, mas entende o que de fato diz seu livro, PAIS BRILHANTES E PROFESSORES FASCINANTES, que o autor comenta a importância do amor, luta, esforço e coragem que os pais brilhantes mantenham seus filhos para futuro melhor; professores fascinantes se preocupam do processo ensino-aprendizagem com os alunos com todo esforço levando a construir seus conhecimentos. Minha mãe foi e ainda como brilhante lutadora que não desistiu de mim em todo processo na caminhada da vida, aceitando, amorosamente, a minha deficiência, não se importando o que vier as dificuldades que levam a ser experiente, criando os meios, a fim de me ensinar com todo esforço e foi minha professora que fascinou minha vida sempre se preocupou nos meus estudos, lutando com toda força me levando que vale a pena correr. Passo relatar agora o que dizem esses professores, meus pais e meus irmãos que vão contar suas experiências de como lidaram a minha deficiência. Fiz alguns questionamentos a pessoas próximas sobre a minha vida, que irei relatar.

Minha mãe se chama Mirian Santos, cinquenta e cinco anos, professora efetiva, foi diretora da melhor escola do município durante trinta e três anos, terminou o Ensino Médio agrupado ao Magistério. Na entrevista, ela conta as suas experiências que vivenciou em todo processo do meu desenvolvimento. Segundo ela, eu fui seu grande desafio, pois ela queria mostrar para mim e para as pessoas que eu era capaz. Afirmou que sempre acreditou que eu cursaria uma Universidade, por que eu sempre surpreendi com uma inteligência brilhante, os médicos chegaram afirmar que eu tenho superdotação. Para ela minhas atividades tinham que ser diversificada, cada aula tinha que ter uma novidade. Inferiu que lutou pelo meu espaço, pois me via como alguém com os mesmos direitos dos normais, por isso me fez seguir em frente. Comecei os estudos tarde, mas fui muito bem alfabetizada por ela, por isso seguir sem complicações.

“No início não foi fácil lidar a tua deficiência, porque não tinha experiência nessa área, mas com tempo fui aprendendo a lidar a esta vida. Quando você nasceu não dava pra saber, mas em pouco tempo, fiquei percebendo, pois você não chorava e pouco mamava,

passava dia inteiro deitada na rede, mas não descobria; as vezes, a minha mãe dizia assim:- A tua filha parece que tem algum problema .Ela não chora e pouco mama. Ela foi a primeira a descobrir a tua deficiência, mas mesmo assim eu achava que não. Primeiro, descobri que havia um fundinho no lado esquerdo do teu ouvido, comecei apertar, saia a massazinha e falei para a minha mãe:-Mãe, quem sabe a Leila é surda. Na idade de um ano, os teus irmãos falavam cedo e você demorava andar e não falava nada. Eu te chamava e você não dava atenção, passei a descobrir, mas me deixava em dúvida se era o problema da audição ou da fala. Aos três anos, você pedia água com gesto, mas não entendia, porém você apontou pra língua, aí fui entender; algumas coisas tinha dificuldade de eu entender, mas não sabia qual era tua deficiência. Fui levar ao médico e ele falou que você tinha problema da audição e da fala. Quando tinha quatro anos de idade, eu te levei para o hospital de Bragança, fui com a doutora, que a mesma colocou o aparelho no teu ouvido e disse que você tinha o problema da audição e mandou que levasse pra Belém, pois foste encaminhada pra fazer a cirurgia do teu ouvido. No hospital em Bragança, o tumor no lado esquerdo do teu ouvido começou aumentar; que antes era pequenino e tinha massa sem odor desde que você nasceu, achava que era normal. Fui ao outro médico, o mesmo falou que eu deveria te encaminhar pra Belém, mas eu e o teu pai não tínhamos condições ,pois morávamos na praia, resolvi voltar com você e recorri ao Médico dos médicos Jesus que operasse o milagre na tua vida e ele operou e o tumor desapareceu. A questão da audição, descobri de verdade que você era surda e tinha problema da fala quando tinha quatro anos. De quatro até nove anos, a comunicação que você fazia era por gestos.

Enquanto eu saia pra estudar, ninguém queria ficar contigo, porque ninguém entendia o que você queria, até a minha mãe dizia pra mim:- Leva a tua filha que eu não sei tomar conta dela, porque não sei se ela está com fome ou se quer água. Eu orientei quais são os gestos que ela precisava entender. Quando você queria as coisas que não entendíamos, você ficava com raiva. Eu apontava se é isso, até descobri os sinais que você fazia. O torno de cinco anos de idade, quando eu não entendia, você começou a desenhar quando corria pegando lápis e pedaço de papel pra me entender. Aos dois anos de idade, como nós morávamos bem próximo da praia, você levantava de manhã cedo, eu acendia o palito de fósforo e jogava fora, você ia pegar esse palito pra desenhar na beira da casa no chão. Desde pequena desenhaste cedo, quando começava andar, já nasceu com dom de desenhista, ninguém te ensinou, apenas você mesmo, tinha o gosto pela arte. Quando você viajava junto comigo, via aquilo que te chamava atenção, tentava procurar o papel e o lápis e não achava,

pois as pessoas não entendiam os gestos; você resolveu riscar na parede desenhando para que eu entendesse melhor, a fim de repassar para as pessoas. Na idade de três ou quatro anos, você começava desenhar no papel como uma forma de comunicação para que eu entendesse, pois, as vezes não estava entendendo os gestos. O teu primeiro contato com a arte foi o chão na areia da praia; água passava, a areia ficava tão linda, você corria juntamente com teu irmão Walber no amanhecer pra fazer desenhos; você olhava os guarás, árvores, barquinhos, canoinha e muitos desenhos; e faziam desenhos com o pedaços de pau e palito de fósforos; e nós ficávamos olhando você sentada:- Repara a Leila está fazendo(sorrindo).

Aos nove anos, você começou a falar, mas ninguém entendia; algumas falas nós entendíamos, isso as pessoas riam; mandavam que você repetisse palavras difíceis o que elas diziam você não sabia dizer e também mandavam você imitar, ficava sentada no meio de quantidade de gente, pois você era uma diversão do Perimirim e ofereciam bombons, bolachas e pirulito. Nessa idade, você começou a falar olhando a minha boca; e caminhava junto comigo na escola, pois queria e chorava pra estudar, mas não conseguia falar. Fui eu quem te alfabetizou. Quando eu passava no quadro, as vezes não tinha desenhos, você ficava zangada, porque você queria a frase junto com desenhos.

O método que eu utilizei naquela época, eu te alfabetizava foi dando os nomes das coisas, você olhar pra mim. Você aprendeu através de leitura labial, desenho e alguns gestos, eu não tinha curso específico pra isso. Ainda não havia a lei da Inclusão. Fui procurar o meio de alfabetizar, porque você queria estudar e eu também tinha vontade de ensinar, porém não sabia como te alfabetizar; veio na minha mente que resolvi dar os nomes das coisas pra você olhar na minha boca. Vamos dizer B, eu dizia que era B da bola, gesticulando com as mãos e com boca:- Leila, B da bola- Repetia pra que você entendesse, fazia desenho da bola e fazia B. M da mamãe, novamente gesticulando, colocando a mão do meu peito que sou mãe dela. N do nenezinho do colo, eu fazia embalando imitando carregando o nenê no colo, mostrando pra você. Todo alfabeto, eu te ensinei através de desenho pra você saber identificar. Eu fazia no caderninho todo alfabeto e os desenhos pra você olhar cada letra que tem o desenho. Na sala de aula, eu tinha que saber falar quando eu escrevia no quadro e no caderno, por exemplo: o P, eu falava forte, piscando os olhos e o B eu falava com som fraco, pra você entender olhando a minha boca. Enquanto eu dizia:- P- Você perguntava:- P do papai?-E eu respondia:- Sim, P do papai- E assim eu ensinava.

As famílias silábicas, eu começava juntar as sílabas, eu tinha que dizer a família silábica do papai:- O P do papai abraçando A, o azinho do avião. O papai pega e abraça o A e faz PA- Era assim que eu fazia. O V da vacinha, eu colocava os dedos na minha cabeça que é o chifre; Você dizia- V da vaca? E dizia: Sim, V vaca. E o F, eu dizia pra você e repetia pra que você entendesse melhor:- Er-er-er-fi, F da faca (gesticulando uma mão sobre outra mão, serrando, imitando a faca cortando) F da faca de cortar- E você perguntava:- F da faca de cortar peixe?(vagarosamente) - Respondia que sim.

Na escola, você não teve dificuldade, aprendia com facilidade, pois era muito inteligente, porém, a dificuldade que tinha era captar o som da palavra e o som das letras, por exemplo, quando eu ditava, oralmente, dizendo a palavra bala, você ficava confusa da primeira letra se era P ou B e perguntava pra mim:- Que letra é essa?

Alguns tempos, você já estava pronta pra passar outra série, foste estudar com outra professora, mas ninguém queria te alfabetizar, pois não sabiam como trabalhar com você, diziam:- Mirian, só você que sabe trabalhar com a Leila, Nós não sabemos como dar aula pra ela, Como podemos ensinar? Foi você quem alfabetizou ela. E eu dizia:- Não se preocupem, vou orientar vocês como trabalhar com ela. Quando você foi estudar, elas não sabiam lidar com você, resolvi orientar através das minhas experiências que convivi com você no processo ensino-aprendizagem como devem ensinar e começaram aprender como lidar com a tua deficiência; e você foi aprendendo com elas.

Eu mesmo fui descobrindo o meio de alfabetizar e ninguém me orientou até que nessa época a Secretaria de Educação me parabenizou, porque eu nunca tive o curso para trabalhar com o deficiente auditivo. Dei um show na cidade de Augusto Correa por ter conseguido te alfabetizar, disseram:- A aluna Leiliane, deficiente auditiva, foi alfabetizada pela sua mãe professora que nunca fez curso nessa área da deficiência. Então, eu mesmo descobri o método pra te alfabetizar através de leitura labial, desenhos e alguns gestos, dando cada letra com desenho que mostrava aquilo que você iria fazer.

Eu tinha preocupação com teu futuro, tinha sonho e vontade que você iria conseguir um espaço para a sociedade, enfrentando as dificuldades da vida, porque você é muito inteligente. Eu acreditava que um dia que você iria estudar e quem sabe estudar na universidade como os teus irmãos pela tua inteligência. Eu apostei e acreditei por isso eu me esforcei tanto, fiz de tudo pra você aprender criando os meios que eu aprendi pra te alfabetizar. Acreditei no teu potencial, eu ficava com raiva quando as pessoas diziam:- A

Leila não vai aprender. Ela é doida e doente mental- Todo mundo pensava que você não iria conseguir estudar na universidade. Eu encarava e dizia assim:- A minha filha não é doida; ela é boa. Ela só não sabe falar direito e não ouve direito, mas não tem problema mental. Ela é muito inteligente. Eu vou provar que ela é boa, ela vai estudar e chegar na universidade, porque eu acredito que ela vai conseguir, Deus fez um milagre na vida dela.

Hoje, para mim é uma felicidade, uma alegria que fico emocionada, porque eu acreditava o teu potencial que um dia iria chegar na universidade, porém, as vezes vieram as dúvidas. Primeiramente confiei em Deus pela tua inteligência que você sempre sonhava um dia iria estudar na área de Artes Visuais. Eu orei para que teus sonhos se tornassem em realidade. Desejava ver entrando numa universidade como teus irmãos e outras pessoas. É um orgulho para mim de ter uma filha hoje com deficiência saindo da universidade. Muitos jovens não querem nada do estudo e você sempre sonhava e dizia: - Eu quero estudar, eu quero estudar. Então eu acreditei o teu potencial. Não tenho palavras pra eu me expressar pra dizer há quando hoje é felicidade de ter uma filha que passou muitas dificuldades e tantos problemas. Lembro que você quase morre aos quatro anos de idade que estive na beira da morte, pois estava doente; morreram sete crianças e você é a única sobrevivente, isso é um milagre de Deus, pois tem um plano na tua vida. Hoje, vejo o projeto de Deus cumprindo na tua vida. Ele me deu vitória que você sobreviveu. Pra mim, é um melhor presente que Deus me deu é você; o sonho e a alegria sendo concretizadas. É uma felicidade de qualquer mãe que se sentiria em meu lugar. Fico emocionada de ver concluindo na universidade, muitas vezes, as pessoas não acreditavam que você iria estudar até lá devido da tua deficiência da audição e da fala, mas a tua inteligência foi possível você chegar. Você concretizou o teu sonho da tua maior vontade é fazer Artes Visuais. Vale a pena acreditar; e aqui está uma grande profissional, não tenho palavra, só dizer:- Obrigada, Papai do Céu, por tudo que tem feito em nossa vida, pelos filhos que desde e pela filha Leila que tu me desde. (MIRIAN SANTOS, 2014, PARÁ)”.

A segunda entrevista, meu pai Valter Duarte, setenta anos, sempre foi carinhoso e compreensivo que gosta de brincar comigo e com meus irmãos; se emociona por eu ser um presente divino, trazida ao mundo para alegrar sua vida sempre fui amada por ele. Segundo ele, lidar com a minha deficiência não foi fácil, tinha que aprender a comunicar e entender através de gestos e leitura labial. Tem lutado pra eu não desistir do futuro através de estudo e ficava preocupado quando eu reclamava por ter nascido como deficiente auditiva, se achando

tão inferior, mas sempre dizia:- Leila, você é muito inteligente, tem talentos que Deus te deu. Aconselhou-me que eu deveria me aceitar do jeito que sou.

“Quando eu soube da tua deficiência, fiquei triste, mas depois eu me acostumei, pois você era uma criança alegre e divertida que deixamos nós animados com as suas brincadeiras até que nos esquecemos da tua deficiência e passamos aceitar neste desafio. A comunicação com você foi difícil pra você entender, por isso você riscava no papel fazendo os desenhos para que nós possamos entender melhor. Eu contava a história, você ficava olhando nos meus lábios. Você e os seus irmãos iam deitar comigo, pois gostavam muito que eu contasse a história e diziam:- Papai, conta outra.

Eu amo meus filhos, igualmente, mas você é intocável por causa da deficiência. Você é carinhosa e brincalhona sempre conversa comigo. As vezes, você largava de fazer trabalho pra conversar comigo. A questão da universidade, eu acreditei que iria estudar, porque confiei que iria conseguir aonde você chegou. Observava que você queria desistir de tudo, porque falava se sentido tão menor, nós ficávamos preocupados. Eu digo que a minha fé nunca desistia que acreditava que um dia você conseguiria mais adiante. Eu tenho orgulho dos meus filhos e de você também que chegou. Fico emocionado, pois os meus filhos são inteligentes. O que você passou, pois falava se achando inferior. “Hoje conseguiu o desafio que valeu a pena acreditar”. (VALTER DUARTE, 2014, PARÁ) ”.

Meu irmão Walber, o primogênito, trinta e quatro, pedagogo e poeta, foi meu melhor amigo no tempo da minha infância, me chamava de Liquinha; tivemos o primeiro contato com a arte, o chão, que utilizávamos os palitos de fósforos e uma planta que parecia uma caneta na areia da praia para desenhar. Foi ele quem escreveu a poesia “Infância Nativa” que conta da nossa infância que viajamos no mundo da arte brincando na areia, como ele disse:- A arte é como uma criança que patina no mundo das cores. Ele comenta com suas sábias palavras a importância da Arte que expressa seu sentimento através da poesia que convive na sua realidade.

“Pra mim, é gratificante e acima de tudo é uma honra pela admiração e pelo talento que ela tem. Considero como minha parceira e amiga que acompanhou na minha vida desde infância e que gostávamos de andarmos juntos no chão da areia para viajarmos no mundo da imaginação através de desenhos. Eu faço desenho por esportes, sei desenhar e pintar, mas a minha paixão é a poesia que expresso meus sentimento diante da realidade cotidiana do lugar onde nasci. Pra mim, a arte é fundamental o que vem na alma, que convive todos os

dias em nossas vidas, é uma fantasia que as pessoas olham, porém, eu analiso que alguns não conseguem ver a arte de uma forma diferente, mas o artista olha com um olhar diferente, um olhar da fantasia e da utopia. Criei uma poesia “O segredo do pássaro”, que conta a vida do pássaro que convivia com os outros pássaros, mas foi rejeitado, pois quebrou uma asa. Então, ele resolveu sair do alto da árvore pra morar no chão para conviver com os outros animais de pêlos. Os animais foram abraçar e cuidar do pássaro. Então, ele passou a viver uma vida harmoniosa. Com isso, fiz uma relação com a deficiência, afirmando que as pessoas consideram os deficientes como pessoas boas, mas ainda olham com dó de pena e não dó de respeito. As pessoas tem um olhar de pena para os deficientes. As pessoas possam olhar eles com respeito, por serem diferentes que sejam iguais aos outros com todos seus direitos. Ainda hoje, não aprenderam a ver eles com um olhar de respeito e igualdade.

Lembro-me que comunicávamos através de desenhos e gestos, percebi a forma que ela gostava de desenhar, vi algo diferente e novo, pois aprendeu com sua criatividade. Eu tenho a mania de fazer a poesia brincando com as letras com um olhar da realidade dentro dela. Crio a poesia olhando a realidade como se eu tivesse em função com ela. Pra mim, a arte é isso, com olhar e a sua fantasia por dentro, um olhar de um observador. O olhar de um poeta é um olhar de um intelectual. Eu olho a arte dessa forma, como uma criança brincando com as cores, desenhando com sua imaginação. Então a arte é para o ser humano um brinquedo, os objetos desse brincar é as palavras, tintas, cores, areia e pinceis. O pincel é apenas um instrumento da arte que utilizamos para patinar e flutuar no mundo da imaginação. O pensador Pablo Picasso dizia “A arte é uma mentira que nos faz compreender a verdade”. A arte é um olhar mentiroso sobre a realidade, você olha de uma forma, mas a realidade vai mudar além o que vê, é como uma miragem. A arte é uma miragem da forma que você vê com um olhar diferente, está em todos os lugares assim como uma matemática, basta você olhar e percebê-la. E Infelizmente, hoje o ser humano não aprendeu a observar a arte. A partir do momento que o ser humano vê a arte como um olhar de um poeta, o nosso mundo será melhor. Não existe a arte só na cabeça, mas existe em todos os lugares. Ela existe em diversas manifestações artísticas que você manifesta a arte de uma forma diferente dos outros. Eu sempre acreditei o potencial da Leila e espera que consiga ampliar seus conhecimentos próprios com a arte. A arte é como uma criança que patina sobre o mundo das cores.

A questão da inclusão, eu ainda vejo como algo silencioso, mas acredito que existe uma fantasia por traz disso, pois não fazemos inclusão de fato. Não existe a inclusão de fato e de

direito, mas existe para satisfazer interesses políticos e interesses de alguns. A escola inclusiva tem que dá condições necessárias para desenvolver as habilidades e seus conhecimentos de forma livre com respeito e dignidade e respeitar as diferenças e suas limitações. Fala-se em individuo com limite, mas a inclusão não tem limites, ela desenvolve de formas diferentes. A inclusão só vai acontecer quando houver respeito ao diferente e olhar sem pena, um olhar de reconhecimento. Conheço algumas pessoas com deficiências que estão nos cursos, não são vistos como indivíduos capazes. Se democratizou o ensino, porém não existem escolas democrática de fato. Eu espero que um dia consigamos através de currículo e a legislação alcançar isso, melhorar os espaços para os deficientes e democratizar o tão sonhado espaço escolar. (WALBER SANTOS, 2014, PARÁ).”

A Leidiane, trinta e um, graduanda na área de Pedagogia, a terceira irmã que foi a minha companheira que presenciou ao meu lado nos estudos, foi meu ouvido, que defendia diante das pessoas contra o preconceito que sofria devido o problema da fala e da audição. Éramos tão amigas, que compartilharmos nos trabalhos escolares e religiosos. Fui à única deficiente auditiva no ensino fundamental e Médio na cidade de Augusto Correa.

“A convivência com a Leila era difícil e outro era fácil no tempo da infância e adulta. Comunicávamos através de gestos, pois ela não falava, íamos à praia e desenhávamos no chão pra ela entender; brincávamos na lama e fazíamos canoa, bonequinhas, panelinhas e outras, era tão divertido. Gostávamos tomar banho quase todos os dias no mar, porque morávamos próximo à praia.

No tempo de estudo, a Leila estudava junto comigo, a dificuldade era entender as coisas, pois não ouvia direito. Eu era pessoa que repassava o assunto que fazíamos trabalhos juntos. Na hora da matricula, a mamãe avisava logo que ela iria estudar junto comigo na mesma turma. Na sala de aula, eu explicava e ela perguntava:- O que o professor estava falando? Qual o trabalho? Algumas coisas ela ouvia.

Naquela época, os professores não tinham esse negócio de alunos especiais de ter um professor especialista nessa área pra lidar com a Leila, não eram capacitados. Os professores não se importavam se ela entendia ou não. Então, é necessário que haja alguém da família ficasse com ela pra a fazer entender, mas ela era muito inteligente. Partir de quinta série, meus pais ficavam preocupados que a Leila iria sair da localidade junto comigo para outra cidade como seria a sua vida no ambiente escolar. Foi uma época, não era muito fácil pra ela e nem pra mim, porque ninguém lidava a deficiência dela; as vezes eles tinha

preconceito, pois ela não ouvia algumas coisas e ficavam zombando e criticando, ela chegava em casa, chorando e queria morrer. Meus pais conversavam, pacientemente, diziam:- Leila, você é muito inteligente, não pode se achar menor do que os outros. Você é importante, por exemplo, o fulano escuta bem, mas você tem as qualidades e habilidades que surpreendam as pessoas. Ela era admirada por todos pelos talentos de saber desenhar, suas notas eram excelentes que sempre me superava.

A questão dos talentos como coreógrafa, comediante e organizadora de eventos na escola e na igreja, ela tinha ideia brilhante de criar rapidamente, eu escolhia a música e ela criava, as pessoas vinham atrás, pois sabiam das habilidades dela nessas áreas que precisavam aprender. Até hoje, sinto falta das apresentações e dizia assim:-Leila, vem embora para o Pará pra nós criarmos a coreografia, pois só você sabe de um jeito diferente.

Eu não acreditava que a Leila iria estudar na universidade, porque via as dificuldades da audição e da fala dela na sala de aula no tempo que estudava junto comigo, acreditava assim que existe o limite. Observava as dificuldades das palavras que até hoje se confunde o B e P. Então, eu achava que ela era excelente em criar e pensar rapidamente. Achava que na hora de fazer a redação pra ela fazer, o negócio vai complicar, sempre ela se achou menor, dizia que não podia e que não era capaz. Mas a ida da Leila para o Amapá mudou tudo, soube as notícias que ela passou para o curso de Artes Visuais, eu e minha família ficamos admiradas. Achava que ela só iria ficar nos desenhos, coreografias e comédias que era capaz de criar. Fiquei na beira do caminho, me superando e foi muito além que ela conseguiu. Fico feliz ver concluir na universidade, pois, eu como irmã dela via as dificuldades, não com dificuldade de ter perdido audição, mas o maior desafio da Leila é vencer seu próprio meio. Venceu o medo, passando acreditar nela mesma. Quase desiste da Universidade, porque quando vinha para o Pará, não queria voltar mais pra Macapá, estava sentindo desanimada; a minha irmã que era o braço direito de Macapá veio embora e ela ficou sozinha. Meus pais, eu e meus irmãos demos força pra não desistir de seus estudos. Com isso, ela conseguiu vencer todos os obstáculos e está concluindo. Eu posso lhe dizer que é uma grande lição para as pessoas, porque eu sei, oh quão difícil a caminhada da Leila que vocês não podem imaginar. Foi tão difícil pra me acreditar que ela chegaria onde conseguiu chegar. Hoje passei acreditar que tudo é possível aquele que quer lutar e não desistir vai até o final pode ser surdo, cego, mudo, paralítico, não há limites. Quem cria limite é o próprio homem, se ele passar por todas as barreiras ele chegará como a Leila chegou. É um sinal que ela entendeu que conseguiu chegar. (LEIDIANE SANTOS, 2014, PARÁ). ”

A minha irmã caçula Adriana, trinta anos, minha co-orientadora, me deu força, me fazendo subir nos degraus da conquista, sempre acreditou que eu iria estudar na universidade que pra mim era impossível que, pacientemente, lutou por mim. Morei com ela em Macapá há três anos, via nela um talento brilhante que tanto admiro, me orientou nas atividades da Universidade. Tudo pelo esforço e coragem tem se preocupado com meu futuro, e perguntando como está o estudo; eu era depressiva que eu não me aceitava do jeito que sou, não tinha coragem de dizer que eu sou deficiente auditiva, não queria realizar meus sonhos, devido o preconceito e a inferioridade que sofria que achava que nunca conseguiria realizar o sonho de conquistar o espaço na sociedade. A minha irmã me aconselhou com suas sábias palavras que eu precisava me amar e me aceitar, porque eu estava me destruindo em mim mesmo, resolvi mudar de vida, tinha que encarar a realidade correndo na ponte da vida ultrapassando os limites. Então, ela lutou pra realizar os sonhos impossíveis que assim eu fui compreender que vale a pena lutar e superar em toda dilema da vida.

A professora Eunice foi minha professora de primeira e terceira séries que não queria me dar aula, por causa da minha deficiência, achando impossível de como ensinar a aluna como eu. Foi difícil pra ela, pois não tinha preparação, foi orientada pela minha mãe as regras do ensino de como lidar a minha deficiência, pois sabia que eu iria ficar triste, acabando me aceitar até que seu trabalho deu resultado a minha aprendizagem.

“Eu trabalhei com você na primeira e segunda série, tive que me preparar, ficando observando o seu desenvolvimento; prestando atenção em lidar com as palavras que você falava. Mandava você repetir mais uma vez até entender; eu esclarecia e você tinha conhecimento o que eu estava falando até que percebi as tuas dificuldades. Com isso, fui aprendendo a lidar com a tua deficiência, porque eu dizia uma palavra, você ficava confusa e fiquei pensando:- Ai, meu Deus, será que a Leila entendeu? Resolvi perguntar:- Você entendeu? E você fez sinal que sim. Saíste, totalmente, preparada para segunda série, já sabia ler e escrever tinha pouco conhecimento, mas tinha dificuldades. Eu achava difícil de trabalhar com você foi através da leitura, pois você sabia do alfabeto, porém eu percebi que tinha dificuldade de leitura que eu não sabia como ensinar você e resolvi contar a situação pra tua mãe e ela foi me repassando como trabalhar com você. Então, fui orientada pela tua mãe e dizia pra ela:- Mirian, eu acho que vai dar certo, porque ela é muito inteligente. Então, resolvi te chamar pra sentar na frente pra olhar na minha boca, e assim comunicávamos. Você prestava muita atenção as palavras que eu falava, porém, ficava em dúvida:-Será que a Leila entendeu? Sempre perguntava pra você se entendia, tinha uma preocupação como dar

aula pra você. Você olhava sem desviar nem pra direita e nem esquerda, só em frente, muito atenciosa o que eu falava e ficava escrevendo. Quando te chamava pra uma mesa e disser:- Leila, diga a palavra tal. E eu não entendia que você falava e ficava pensando:- O que a Leila falou? Fala de novo. E Depois fui entender, foste soltar palavra, pronunciando melhor as palavras até conseguir aonde você chegou, mas tinha dificuldade de pronúncias, pois você ficava confusa. Eu não falava alto, chegava perto na tua frente pra você olhar na minha boca. Seu comportamento na sala de aula era ótimo, pois você era calma, não tinha dificuldade de aprender, pois você era muito inteligente, que eu ouvia que dizia:- Já sei, já sei. Em relação da arte na sala de aula, você sempre gostou de desenho, eu chamava:- Leila, desenha tal coisa que eu não sei desenhar no caderno. Quando eu ia ao quadro, você desenhava pra mim.

Hoje fico feliz que você realizou seu sonho que tinha vontade de estudar na universidade. Eu acreditava que um dia você iria estudar na universidade e você não queria parar. Lembro que falava:- Professora Eunice, eu tenho vontade de estudar o que eu quero- E eu afirmava:- Você vai conseguir.(EUNICE, 2014, PARÁ.)”

A professora Rosimery Costa dos Santos, cinquenta e um, trabalha há vinte e cinco anos na escola Maria Benedita Mota, onde estudei que fica situada na vila de Perimirim-Pará. Foi minha professora de terceira série que usava muito o ditado na sala de aula que foi importante para a minha aprendizagem, porque me levou a interessar a procura de livros, a fim de estudar as histórias e até mesmo as palavras para que possa me preparar na hora do ditado. Minha mãe e as outras professoras foram excelentes para o meu processo ensino-aprendizagem, que priorizaram a importância da leitura e do ditado.

“No processo Ensino-aprendizagem na vida da aluna Leila na sala de aula era um processo leitura labial. Ela se encontrava dificuldade, porque todo tempo ela tinha que sentar na frente quando eu usava o ditado pra ela olhar na minha boca se não entenderia de escrever as palavras. A metodologia que eu utilizava, principalmente, era ditado, enquanto ela não entendia, eu escrevia a palavra tal no quadro pra ela ler. Na hora da prova, eu tinha que olhar se ela entendia. Eu acreditava que ela iria estudar na universidade, pois percebia que foi pela força de vontade dela, pois via quando ela escrevia tentando entender melhor. Na arte, eu percebia o talento como desenhista através de trabalhos de aula que fazia desenhos.

Hoje, fico feliz ao ver que consegui o que queria que o sonho se realizasse, porque eu via a deficiência dela. Antigamente, não tinha inclusão; só os professores se esforçavam pra

ensinar os deficientes. Hoje, os deficientes têm seus acompanhantes, porque eu tenho alunos deficientes que são acompanhados pelos que trabalham na área de Educação especial. (ROSIMERY, 2014, PARÁ)”.

Foi um desafio na caminhada das experiências escolares da alfabetização que as professoras lutaram por mim, sempre quis coisas diferentes, desenhos, pinturas, musicas, e teatro. Percebi que a maioria das pessoas que eu conheci não acreditava que eu iria entrar na universidade, pois viam a minha deficiência da fala e da audição que não dariam um jeito de mudar a minha história, mas valeu prosseguir a vida pela frente que eu não desistir de subir na montanha que ainda falta chegar no topo, pois a vida é um degrau que temos caminhar. Nas entrevistas, todos afirmaram que eu era muito inteligente, surpreendi a todos com meu desenvolvimento rápido. A grande amiga da infância Eliana, pessoa meiga que sempre se comunicou comigo desde infância, quando chego em Perimirm ela é a primeira pessoa que visito, outra grande amiga minha sogra Marcene e minha cunhada Gilvaneth companheiras que me ouvem e me aconselham, me vêem com potencial. Sou feliz, realmente sabendo que a vida nos reserva companheiros fiéis, me mostraram o significado do amor, preencheram as lacunas da rejeição, com sua amizade desinteressada e sem condição apresentadas, me abraçaram sem palavras, mas com gestos que dizem tudo que um ser sem voz pode desejar, compartilho com todos vocês essa conquista, os citando nesse trabalho. Os relatos acima, tentando mostrar a você um pouco do prêmio de vidas que Deus colocou ao meu lado nessa trajetória difícil, mas que eu não trocava por nada, pois esses companheiros são os melhores que a vida me proporcionou.

4.2 A INFLUÊNCIA DA ARTE EM MINHA VIDA



Imagem: Leiliane pintando na tela “O Pescador”, Agosto, 2014.

O interesse pela arte teve o início da minha infância com apenas de dois aninhos, idade que comecei andar. A arte me ensinou expressar na pintura o que sentia em meu íntimo e na minha sensibilidade, sempre coloco as emoções na obra. Segundo Mônica Pereira (2008), o desenho da criança não reproduz a realidade conceituada, isto é, representa o conhecimento conceitual que a criança tem do real, conhecimento que é constituído pelo social e para o qual a memória possibilita o registro do que é conhecido. Entendo que a criança constrói seu desenho a partir de sua memória, de sua imaginação, do que conhece e percebe a realidade do convívio social e cultural em que vive ao seu redor. A autora lembra que o Vygotsky comentou seus fundamentais teóricos em relação da arte em que a criança como ser interativo, as influências do meio e da cultura, o conviver do grupo social- família, amigos e escola. A arte teve forte influência em minha vida, pois ela sempre foi minha voz e audição, observei o talento de todos da família: meu irmão é desenhista e poeta, seus poemas são ensinados nas escolas do município, a terceira irmã é desenhista e trabalha com EVA, faz obras com linha de crochê, e a quarta irmã também como desenhista e atua como professora da Faculdade de Augusto-Corrêa-Pará, especialista em varias áreas, uma delas é em Educação Especial Inclusiva, passou para fazer o Mestrado, mas desistiu, pois no momento estava comprometida em atender vinte e dois alunos especiais, por isso ela não quis deixá-los, eles gostam demais dela, seu trabalho foi muito bom, a reconheceram como a melhor nessa área da região, meus tios e primos desenharam fazem escultura, lapidam madeira, fazem obras de sucatas e outros escrevem. Essa é a família Deus me deu, eles me levaram ao mundo da arte, e com ela tenho superado os dilemas da vida cotidiana. Isso fez nascer em mim o desejo de conquistar os sonhos artísticos, usando as minhas mãos e criatividade com as experiências de minha vida

vendo a realidade cotidiana. Como me comunicava através de gestos e desenhos, isso me encaminhou a tão querida Arte. Caminhava na praia juntamente com meus irmãos, gostava de olhar os pássaros, o mar, manguezais, as canoas e os pescadores tentando ver suas formas para desenhar no chão como meu caderno com um lápis do mangal, era uma diversão para mim, a areia era nossa arte, o nosso primeiro contato e nossa amiga e gostávamos deitar a deliciosa o encanto da areia com toque da sensibilidade do chão viajando com a nossa imaginação olhando o céu azul. Gostávamos de fazer trabalhos artísticos na praia pegando lama, os ganhos dos manguezais, os crustáceos do mar (concha, mexilhão, pedras e outros) e os brinquedos jogados no chão, construindo casinhas ou outras formas que vinham na nossa imaginação, pois era nossa diversão que morávamos em frente ao mar. Isso era nossa vida da infância que convivíamos que ainda hoje, nunca desprezamos a tão querida nossa arte.

Dessa forma, eu vivenciei em todo tempo da minha vida que nunca abandonei os desenhos, pinturas e trabalhos artísticos, que são companheiros das minhas mãos. O objetivo de apresentar as minhas obras, demonstrando assim como a arte é enriquecedora e importante para todos. A minha frase artística que digo que *sou uma artista, porque nasci na Arte. Sou como pincel que começo pintar o mundo vazio, construindo as cores com minha imaginação.* Em minha opinião *Eu sou uma artista, porque nasci na Arte...*, pois segundo minha mãe, que já nasci com dom de desenhista, ela tem percebido em mim algo novo começaria surgir na minha vida o gosto pela arte, olhando desde início a minha percepção tocando nos materiais artísticos para desenhar na areia, o meu primeiro contato artístico. Ninguém nasce aprendendo, mas nascemos carregando os talentos da arte que mais tarde iremos descobrir a sensação que vem no íntimo o dom artístico que surgiria no toque da mão sentindo na emoção viajando no mundo da imaginação através das obras. *Sou como pincel que começo pintar o mundo vazio, construindo as cores com minha imaginação,* quer dizer, o artista é comparado à um pincel, pintando o que vem na mente os signos e as cores, patinando neste material vazio. A tela sem cores é um mundo vazio que precisa ser construída através de cores e desenhos pelo artista que começa construir com sua imaginação.

Desejo contar as minhas experiências do ensino-aprendizagem na escola Cândido Portinari, onde estudei três anos, que convivi, alegremente, nos estudos que foram bons resultados para o meu desempenho na formação artística na sala de aula, tendo que a emoção foi essencial está com os professores na sala de aula e os que trabalham nesse ambiente escolar como diretora, serventes e outros que foram meus amigos, sabendo que a vida é bela que todos lidaram com a minha deficiência com amor e esforço. Nesta escola, descobri a

importância da Arte que possuem várias técnicas que antes achava só desenho e pintura; contêm o ensinamento teórico e prático do Desenho Livre. Transformou os alunos em grandes desenhistas e pintores do Amapá, é assim que aperfeiçoei minha habilidade artística, sempre procurando ser a melhor desenhista da sala. Surpreendi ao saber sobre a Arte Contemporânea através de imagens que chocaram diante do meu olhar e que a Arte tem um campo muito amplo que a invenção não para o que o artista constrói seus conhecimentos sentindo na emoção de seu interior criando de várias técnicas. Captei-me em procura de livros da Arte Contemporânea na biblioteca tentando saber mais que a curiosidade foi essencial para mim, por isso resolvi escolher Artes Visuais na UNIFAP, pois tinha me desenvolvido o que os professores me ensinaram e me deram liberdade de criar de uma forma diferente. Com isso, ficaram surpreendidos que sou uma artista naturalista, apesar do talento de desenhar e pintar que aprendi desde infância. A escola Cândido Portinari se encontra dificuldade, pois muitos alunos desistam de estudar na área do Desenho; não têm paciência de desenhar e pintar, muitas vezes ficando só dois ou um aluno com professor na sala de aula. No Amapá, a arte não é valorizada pelo governo que muitas vezes os professores entram em greve nesta escolar. O que me chamou atenção é que a escola Cândido Portinari mantém uma educação inclusiva que se preocupa a vida dos deficientes auditivos através de metodologia de ensino da Arte, onde aprendi que os professores da Educação Especial não considera os deficientes como portadores de necessidades especiais, mas como "deficientes". Sempre realizou as exposições para deficientes e normais a exporem seus trabalhos, acreditando a potencialidade de cada um.

Na Universidade Federal do Amapá, aprendi os seguintes movimentos artísticos que influenciaram na minha vida, sei que ainda vou caminhando e aprendendo no ensino da Arte. Falo que eu aprendi devido as diversas imagens que os professores mostraram o quão relevante o campo da arte, que me levaram a descobrir através das diferenças dos estilos artísticos, que as ideias começaram surgir na minha memória, uma forma criativa. Sinceramente, me apaixonei pela Arte Surrealista e sou fã do surrealista Salvador Dali, gosto de usar a pintura surrealista. Na área de Artes Visuais me fez abrir meus olhos o significado da Arte que achava só a arte perfeccionista e realista, o que importa é a sensibilidade, a invenção, a originalidade, o significado que vem no sentimento do interior do artista.

Atribuo às obras pinceladas fortes e leves, expressivas, cores naturalistas. O uso da figuração e contextualização do cotidiano da região bragantina, onde nasci que é a temática de meu trabalho. Durante a infância, me fascinei com a vida pesqueira de meu pai, que influenciou na minha pintura, fazendo as primeiras rabiscadas. Utilizo também a caricatura,

grafite, retrato de pessoas, enfeites artísticos, montagens de papeis, trabalhos artísticos domésticos, adesivos para as unhas e outros, assim ganho a vida e me realizo. A minha fonte de inspiração das telas são a fauna, a flora, as paisagens, a cultura bragantina paraense e a vida do pescador, de uma forma surrealista e outros estilos. Falo que *A arte é a invenção, a superação e a imaginação, que vem do íntimo do artista ao seu olhar diante do mundo de suas experiências de vida, aquilo que mais chama atenção, que é essencial do seu cotidiano.*

Comento que tudo observo o que chama atenção diante do mundo ao meu redor, sentindo meu íntimo e pensamento; começo a fotografar ou desenhar rapidamente na agenda para não esquecer. Faço também as obras, expressando os problemas da realidade cotidiana, usando crítica na arte. Então a Arte é a invenção que o artista cria a sua originalidade o que sente e pensa no momento de suas experiências cotidianas do seu lugar, aquilo que olha o que chama atenção, que é essencial da sua vida. Afirmo que a arte é a superação, porque é uma terapia que leva o artista a sentir ao seu interior longe dos problemas que afligem, o artista vive no mundo da lua com sua imaginação e criação, só de pensar na arte. Sou obcecada em produzir as obras, tive a arte sempre ao meu lado desde minha infância, continuo superando minha deficiência, como a música que é capaz de nos deixar feliz quando estamos tristes e arte que faz eu expressar minha tristeza nas telas. Posso afirmar não existem barreiras contra minhas potencialidades, como muitos pensam que os deficientes auditivos não são capazes de aprenderem o tão relevante campo da arte. Quando mostro meus trabalhos, alguns quase não acreditam devido a minha deficiência, mas vou prosseguir na estrada e passar por cima das pedras e espinhos da vida, e demonstra a essas pessoas que a vida é dádiva Divina e vale pena ser vivida.

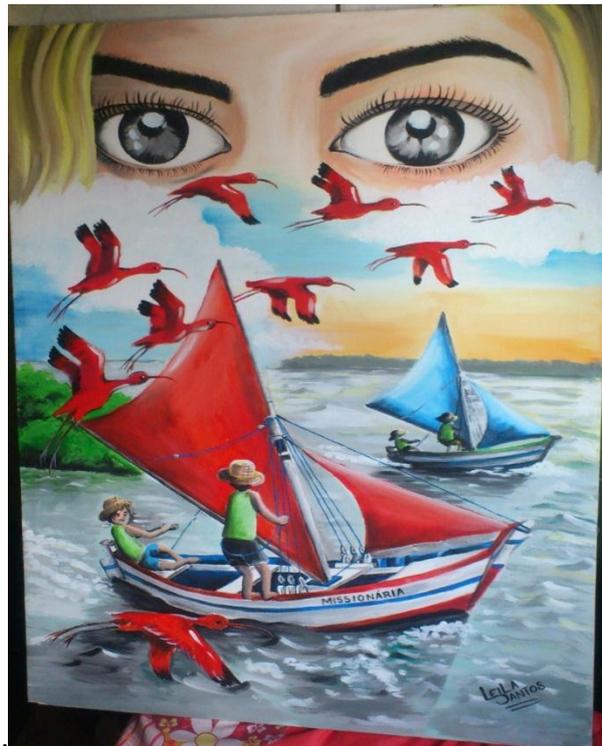
As crianças me procuram para desenhar e pintar; dou aulas de pinturas para elas, isso me realiza e satisfaz meu desejo de expressar o que gosto. Fui convidada para exercer a oficina de desenhos e pinturas para jovens e adultos. Ainda exerço, sempre ligam ou correm atrás de mim. Trabalhei como desenhista na escola Maestro Miguel fazendo os desenhos educativos infantis.

Então a arte é a minha superação que busquei nos sonhos da imaginação, patinando no mundo da semiótica como uma miragem que vejo o irreal, olhando os pedaços da nuvem sendo transformados como animais, pessoas e aves como se Deus tivesse brincando com seu poder de mostrar para o ser humano que Ele também é o grande artista e faz as cores do arco-íris sobre o mar e as árvores silenciosos que cada pessoa pare e olhe a beleza da arte que Ele

fez. Criou o homem com seu toque de amor artístico criando que vem na tamanha criatividade, brincando com barro da terra.

5. MINHAS OBRAS: A TERAPIA DA ALMA

Atualmente, a pintura é uma representação visual das cores e pictórica de um tema que seus elementos fundamentais é a cor como disse o meu irmão Walber (2014), “A arte é como uma criança que patina no mundo das cores”. A pintura sempre acompanhou o ser humano por toda a sua história, como um registro da humanidade desde antiguidade e até nos dias atuais. A arte foi e ainda minha terapia da alma que tenho superado com toque da essência da cores e das rabiscadas no mundo imaginário que construo ,tenho a mania estar cantando quando estou pintando; olhando com meu próprio pensamento diante do material vazio esperando as cores cobrissem em seu corpo e patinando como uma criança no caminho da arte, com os dedos dançando com os pinceis, emocionalmente, isso é a minha visão semiótica.Veja as obras que desenvolvi com minha criatividade durante o trabalho de pesquisa do TCC, as ideias não paravam e fazia as rabiscadas na minha agenda no momento em que estava sozinha no meu quarto.



Obra 1: “Admiração “Tinta à óleo,50x90,Agosto,2014

Eu, Leiliane, fiz uma pintura na tela “Admiração”, apresentando a realidade do meu lugar de origem, que traduz a importância da beleza da Regada dos Pescadores na vila de

Perimirim, PA, um dos eventos turísticos, fundado pelo meu irmão Walber Santos. Na obra, uma canoa de cor vermelha do meu pai com o nome “*Missionária*”; a revoada de guarás no amanhecer que passeiam em frente a orla, que encantam os olhares dos curiosos. Isso é a lembrança do evento cultural da Regada dos Pescadores nesta pequena ilha. A obra “*Admiração*” é uma forma de me orgulhar do lugar simples e pequena, onde passei a infância admirando a beleza das paisagens, olhando as multidões de guarás que suas cores brilham no ambiente que recebe a alegria no amanhecer; os meus olhos não se cansam à quão bela são as canoas de cores que me hipnotizam diante da minha admiração, ventos balançando suas velas e ondas brincando com outras ondas, fazendo-me sorrir esquecendo dos problemas.



Obra 2: “O Romance na Amazônia”. Óleo sobre tela, 50x70, outubro, 2014.

A pintura surrealista, feita à tinta a óleo que abordei o tema “O Romance na Amazônia”, que também utilizo a pintura romântica, pois gosto de colocar as emoções na obra que sinto, romanticamente. Pinte a cena surrealista amazônica, que mostra o casal se beijando no meio da Amazônia. A minha frase poética é: *Eu sou um rio vindo do rio amazônico*. Desejo demonstrar que na realidade eu vir morar em Macapá a primeira vez, viajando de navio que tanto admirei a beleza das paisagens que não cansava de olhar, e até conheci o meu amado esposo na terra amapaense. Então me considero como um rio vindo do rio amazônico, sentindo na emoção poética através da minha imaginação no mundo irreal.



Obra 3: A influência. Lápis Aquarelável, outubro, 2014.

A pintura surrealista *A influência* feita de lápis Aquarelável sobre o papel canson, eu utilizei a obra demonstrando meu íntimo sentimental à lembrança da minha infância, que a influência da deficiência me levou para o mundo da arte. A vida pesqueira de meu pai e a região bragantina do Pará, onde nasci, fascinaram-me para desempenhar o papel artístico através de desenhos e pinturas, como a temática do meu trabalho. Na imagem, vê-se a diferença entre a pintura e o desenho, quer dizer que desde infância aprendi desenhar e pintar, superando minha deficiência através da arte. Desejei pintar os sinais da deficiência como uma forma de mostrar que sou deficiente auditiva que comunicava através de desenhos e gestos. O pescador de chapéu refere ao meu pai, que nunca abandonou a vida pesqueira, usando sempre a canoa à vela, sua paixão. Valorizo que a vida é bela; a vida é um sucesso que Deus criou, dando as habilidades para superação através da arte.



Obra 4: Guaracídio, Lápis Aquarelável, outubro, 2014.

Pintei o tema *Guaracídio*, expressando o meu sentimento preocupado diante da realidade cotidiana do Perimirim, minha terra natal, mostrando a matança dos guarás. Também faço crítica através da arte do cotidiano regional. A folha sobre o mar azul, representando a natureza que está mostrando a morte dos pássaros, como uma forma de conscientização aos predadores. Uma mulher chorando atrás das penas dos guarás, descobrindo que os homens escondem, matança dessas aves que embelezam em frente da orla. Meu irmão já fez denúncias contra aqueles que destroem a natureza.



Obra 5: Marilyn Moore. Lápis aquarelável, outubro, 2014.

Descobri um novo estilo de cores fortes e leves com linhas diferentes, pois não gosto de fazer cópia dos outros artistas, preferi criar a arte. Descobrir na rua sozinha, e me deparei com as tintas coloridas caídas no chão como elas estivessem sozinhas, precisando da ajuda, isso marcou a minha vida a criar uma forma diferente a essas tintas coloridas que agora são minhas amigas. Lembrando-se das tintas e resolvi pintar *Marilyn Moore* como Pop Art e outra pintura o *Baluarte da Fortaleza de Macapá*. *O artista é aquele que inventa e tem a sua originalidade de sua arte.*



Obra 6: *Baluarte de Fortaleza de Macapá*, Lápis aquarelável, outubro, 2014.

A beleza da vida é cheia de cores, onde há riqueza da fauna, flora, paisagem e cultura que enfeitam no nosso ambiente.



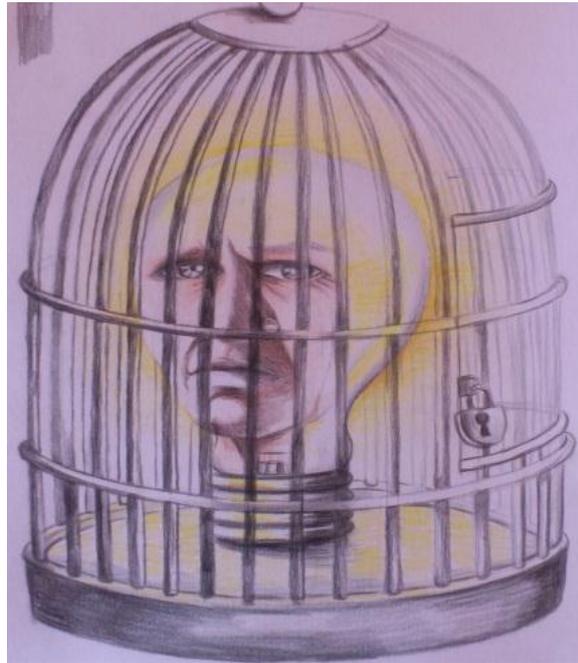
Obra 7: *A vida dura de um pescador*. Lápis Aquarelável, outubro, 2014.

Fiquei meditando a vida de um pescador com seu trabalho duro para sustentar a sua família, enfrentando a tempestade da chuva, da maresia, do vento forte e da queimadura do sol. Nem sempre pegam muitos peixes, mas mesmo assim eles não desistem de pescar. Por isso, desejei pintar com estilo cubista feita de lápis aquarelável, pois irei pintar na tela. Nessa imagem, abordei o tema *A vida dura de um pescador*, usando o desenho da Tarsila do Amaral com chapéu de pescador; essa pintura é uma textualidade que convivo na realidade cotidiana. O pé sujo de lama do mar e aproveitei pintar os peixes, mar, canoa, sol e matas. Em minha opinião, o pé e o braço grandes representam muito trabalho na pesca e a cabeça pequena também representa pouco conhecimento, que a maioria dos pescadores são analfabetos.



Obra 8: *O lar que o mar levou*. Lápis Aquarelável, novembro, 2014.

A pintura surrealista com o tema *O lar que o mar levou* mostra uma jovem dormindo, tranquilamente, no mar como se fosse sua cama, no seu quarto um ambiente natural onde há paisagem do seu lugar. Estou representando na minha infância, a fúria do mar levou o meu lar, que morei em frente ao mar. Agora, o lar foi transformado pelo mar, onde os pássaros, caranguejos, canoas, manguezais e peixes se tornaram moradores. Em Perimirim, Pará, o mar derrubou várias casas, postos de saúde e igrejas, muitas pessoas se mudaram para outros lugares, mas minha família não desistiu, mudando para outro terreno. Hoje, quando vou à praia, vejo aquele ambiente onde eu e minha família morávamos, lembrando o nosso terreno e nossa casa que foram nossa diversão, onde se deu início o nosso mundo da arte. O tempo nunca volta e a saudade ainda bate no nosso peito. Criei essa pintura meditando a lembrança do meu passado, pois vejo que a *Arte é como um sonho, pois imagino o que vem na minha consciência, viajando no outro lado do mundo irreal e real.*



Obra 8: *Prisão de ideias*. Lápis Aquarelável. Novembro, 2014

Surgiu a ideia na minha mente, a utilizar a pintura feita de lápis de cor, com o tema *A prisão de ideias*, a fim de comentar que muitos artistas talentosos são prisioneiros, como lâmpadas acesas presas, pois prendem e escondem suas ideias, com isso a arte fica presa e escondida. Contudo, a arte tem de ser mostrada e valorizada. Refletir sobre a arte como um instrumento para que se possa meditar sobre a prisão de ideias, tendo a liberdade de expressar de atuar como artista, que posso questionar a minha linguagem artística no mundo contemporâneo, criticando através da obra.



Obra 9: *A terapia da Arte*. Lápis Aquarelável. Outubro, 2014

A obra acima, o tema *A terapia da Arte*, valorizando a importância da Arte, pintando uma mulher que sente os raios das cores fortes e leves como ventos que suavizam o seu rosto, como se a arte tivesse penetrando no íntimo da alma. É uma arte de viver e faz bem na mente, como uma música que nos faz feliz quando estamos tristes. É uma forma romântica pelas cores da Arte. Percebo que muitos artistas se apaixonam pela arte e obcecados a criar o seu mundo, usando as cores que começam aparecerem como amigos, com a delicadeza de suas mãos com os pincéis, que chegam à emoção através do toque que penetra no seu sentimento. Muitos têm perguntado porque a maioria dos deficientes sabem desenhar e pintar. Em minha opinião, porque a *arte é a essência sentimental do nosso viver*, que faz eles superarem suas deficiências como companheira em todo tempo ao seu lado.



Obra 10: Sem Fala, Lápis Aquarelável, Março, 2015.

A obra *Sem Fala*, expresso a realidade da minha infância usando a cena uma forma surrealista. Pinte uma menina sem boca desenhando na parede, o lugar onde nasci e a primeira casa que morava com minha família feita de madeira. Resolvi fazer a pintura com a minha imaginação com olhar diferente diante da arte. O tema *Sem Fala* está referindo que estou expressando a minha deficiência da fala; comunicava através de gestos usando as mãos, as vezes as pessoas não entendiam, corria para desenhando na parede para entenderem melhor. Usei as cores imaginando que a arte minha companheira e minha comunicação que tem me ajudado a comunicar com pessoas.

Diante de todo contexto artístico que penetrei no mundo da criatividade e da imaginação o que vejo ao redor, que a minha deficiência encaminhou para a arte como uma forma de superação, devorando os tesouros da arte, com a curiosidade que vem do meu íntimo, com isso a minha família percebeu a potencialidade. Vivenciei nas experiências de vida do meu lugar de origem, que diante de meus olhos fascinaram o mundo artístico, identificando o conhecimento, buscando a essência da Arte.

Apesar de minhas deficiências da fala e da audição, tenho superando o desafio de chegar à essência da beleza da vida, pois *A vida é bela, a vida é um sucesso que Deus criou, dando as habilidades como a superação através da arte*. Fui criada no lar cristão, onde aprendi com meus pais no caminho em que deve andar e amar a Deus acima de todas as coisas. Comento que fomos criados pelas mãos talentosas do grande artista Deus, que com seu poder deu talento

a todo ser humano. Valeu a pena a possibilidade de um olhar mais abrangente do fazer artístico e construir conhecimentos do que é ser artista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos revelam que educadores (as) e pais de estudantes sem deficiência, habitualmente denominados normais, expressam claramente seu preconceito quanto à convivência entre seus filhos e os colegas com deficiência e revelam ignorância acerca dos benefícios de tal convivência. Preconceitos geram inevitavelmente a não aceitação desses (as) alunos (as) e o seu isolamento na sala de aula e na rede de relações da escola. Os atos são discriminatórios estabelecem as raízes da exclusão na escola. Sei o que de fato isso pode gerar na vida de um indivíduo deficiente, porém também sei o que o amor e aceitação das pessoas podem causar em nossa vida; força para transpor limites, o limite da ignorância humana, mentes medíocres que vivem suas vidas enclausuradas em seu mundo preconceituoso e egocêntrico. Entendo que a deficiência mais cruel é a da alma, a nós deficientes nos falta: audição, pernas, mãos, braços, visão e entre outras ausências ocasionada por algo que a ciência explica, mas a quantos falta o primordial, o amor, isso somente se explica como doença da alma. Curada com a mudança de postura do eu para o próximo.

A educação, a escola, os (as) educadores (as), precisam fazer parcerias efetivas com as famílias de estudantes com deficiência e com os próprios estudantes, passando constituir “elementos-chave no combate a todas as formas de discriminação”, sou a verdadeira prova do que falo, pais e mestres vocês são agentes de proteção, aceitação e do processo ensino-aprendizagem dos seus filhos e alunos de alunos, somente assim os deficientes que se encontram em situação de maior vulnerabilidade na escola, venceram as barreiras da limitação, A INFERRIORIDADE. É relevante relatar que você, aluno, também precisa vencer seu medo, mostrando a todos seu papel na sociedade que também é sua, por isso você tem direito a condições igualitárias. Assim, a aquisição de conhecimentos sobre os direitos humanos, os direitos da criança e os direitos das pessoas com deficiência é crucial para que compreendam a extensão, o valor e a importância de seu papel como agente de proteção e promoção dos direitos humanos no contexto educacional. O combate à discriminação de pessoas com deficiência no espaço escolar só será possível através de ações pedagógicas participativas que privilegiem as vozes daqueles que as experienciam: os próprios estudantes, suas famílias e escola, somente assim o lugar onde você está inserido irá compreender e acreditar nas razões pelas quais todos (as) devem ser igualmente valorizados, reconhecidos como iguais, procurando apoiar-se mutuamente, colaborar entre si e, acima de tudo, encontrar as mesmas oportunidades de formação humana, de aprendizagem e de participação na vida

escolar (incluindo a sala de aula e o acesso ao currículo), a fim de poderem no futuro ter chance de se tornarem cidadãos ou cidadãs ativos (as) e produtivos (as) na vida adulta.

Na realidade analisando, criticamente, no Ensino Superior, os professores da Educação Especial e intérpretes de LIBRAS, muitas vezes, fazem trabalhos de atividades para os alunos deficientes auditivas, não deixando que construíssem seus conhecimentos, pois desacreditam que não conseguiriam fazer sozinhos. Como aluno deficiente auditivo vai construir seu futuro como educador profissional? O aluno surdo tem que construir seus conhecimentos, viajando e brincando com as letras, artes e ideias. Espero que os deficientes auditivos entendam a importância da criatividade e potencialidade que é necessário que construam seu futuro como educadores profissionais. Eu crio sozinha, imagino e penso, brincando com as letras, artes, músicas e comédias. Fui ensinada pela minha mãe que eu tenho que construir os conhecimentos; dava-me liberdade de criar, individualmente, pois desejava que me esforçasse até conseguir estudar na universidade. Hoje, sou pintora, desenhista, coreógrafa, comediante, compositora e ainda vou ser escritora, futuramente. Quero que os deficientes auditivos pensem positivo que a vida vale a pena construir seus conhecimentos, preparando para seguir em frente. E que os professores permitam o aluno deficiente auditivo crescer no conhecimento e que sejam maduros, ultrapassando os limites do desafio, suportando as suas deficiências, pois a vida é um sucesso, a vida é bela, temos que prosseguir na estrada do porvir.

No Brasil, ainda há muitas dúvidas em relação às técnicas e estratégias metodológicas para que os professores tenham acesso de como trabalhar com alunos deficientes auditivos na área da educação, com isso muitos surdos ainda sofrem as constantes reprovações e muitas vezes são aprovados sem saber ler e escrever sequer um bilhete ou carta. Paulo Freire (1991) comenta: “*Mudar é difícil, mas é possível*”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.O.C. **Leitura e Surdez**: um estudo com adultos não oralizados, RJ: Revinter, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **A educação dos surdos** / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: MEC/SEESP, 1997
- BRASIL. Lei n 10.172/2001. **Plano Nacional de Educação**. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Ensino Básico. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, DF, 2001.
- _____. Decreto 5.626./05. **Regulamenta a Lei N°10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília. DF, 2005.
- _____. Resolução 04/09. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**, modalidade Educação Especial. Brasília DF, 2009.
- FARIA Sandra P. **Interface da LIBRAS com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino do português como segunda língua para surdos** In: *Revista Pesquisa linguística*. N. 06, UnB, 2001.
- FERNANDEZ, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FREIRE, Paulo (1971). **O que é a «Conscientização»**. Textos extraídos de: *Pour une alphabétisation politique*. IDOC n.º40, p. 47-60
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua da língua e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOLDFELD, Márcia. **Breve relato sobre educação de surdos**. In: - - - - . A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 2001.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda – linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 1997.
- MACHADO. P. C. **A Política de Integração/Inclusão e aprendizagem dos surdos**: Um olhar do egresso surdo sobre a escola regular. Artigo apresentado pelo site: <http://pessoas.hsw.uol.com.br>. Acesso em 23 de julho de 2014.
- MONTESORI, Maria: **Pedagogia Científica**. São Paulo: Flambayant, 1965.
- PIMENTA, N. **Oficina-palestra de cultura e diversidade**. Anais do Seminário do INES, 19 a 21 de setembro, 2001.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POST, Stephen G. **History, infanticide and imperiled newborns**. In: **Hastings Center Report** .August/September, 1988.

SANTOS, Mônica Pereira dos. PAULINHO, Marcos Moreira (orgs.) **Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas.** - 2. Ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas.** 1 ed. (2010), 1 reimpr./ Curitiba: Juruá, 2011.

TAYLOR, Calvin W. e HOLLAND, John. **Prognosticadores de desempenho criativo.** In: TAYLOR, Calvin W. (Org.). **Criatividade: Progresso e potencial.** São Paulo: Ibrasa, 1976.

URUGUAY. Conselho Nacional de Educação- CNE. **Proposta para a Implementação na educação bilíngue do surdo.** Montevideo, Uruguai, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1984 / 1991.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikipédia Foundation. Apresenta conteúdo Enciclopédico. Disponível: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php>>. Acesso em: 22 de Outubro de 2011.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança.** Lisboa: Veja Universidade, 1970.

ANEXOS

MINHA FAMÍLIA

ANEXO A



**Leiliane Santos,
deficiente
auditiva,
acadêmica de
Artes visuais-
UNIFAP**



**Mirian Santos,
minha mãe que
foi primeira
professora que
me alfabetizou.**



**Valter Duarte,
meu pai, o
contador de
histórias que me
incentivou a
leitura.**



**Roniwalber
Santos, meu
irmão, que foi
um grande
amigo da minha
infância.**



**Leidiane
Santos, minha
irmã, que me
acompanhou nos
estudos na
escola.**



**Adriana Santos, minha
irmã caçula, co-
orientadora que me
ajudou a contar o relato
de experiência da minha
vida. Ela é especialista em
Educação Especial.**



**Jeferson Sá, meu
esposo, que dizia
que pra ele que eu
não tenho
deficiência.**

MEUS TRABALHOS ARTÍSTICOS

ANEXO B



A exposição do 1º Evento Cultural de Bragança, Pará, Agosto, 2014.



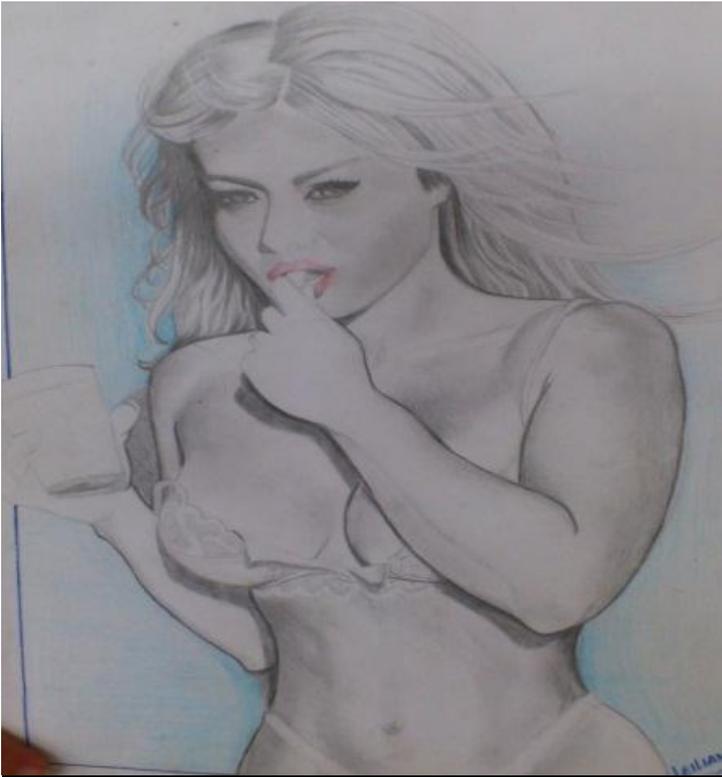
As Minhas obras à mostra no Evento Cultural de Bragança-Pará



O Desenho do cachorro feito de lápis-carvão



A Natureza morta pintada no guardanapo



O Desenho de mulher sensual feito de lápis carvão



A pintura do pássaro sabiá feita de lápis aquarelável



O Pintura do Cubismo na sala de Artes Visuais



A Natureza-morta no pano de copa feita de tinta para tecido



O Corpo humano feminino feito de lápis carvão e tinta para tecido preta



O Desenho de Che Guevara feito de tinta para tecido



O Retrato do meu amigo desenhado por mim feito de lápis carvão



A Natureza-morta pintada no pano de copa



A essência das flores juntos com os frutos sobre o pano de copa



A aula de oficina no interior do Pará, alunos segurando minhas obras.

Obs : Ainda tenho outras obras